

GARETH KNIGHT

PRÁTICA DA
MAGIA RITUAL

Diretrizes e métodos eficazes



PRÁTICA DA
MAGIA RITUAL

GARETH KNIGHT

PRÁTICA DA
MAGIA RITUAL
Diretrizes e métodos eficazes

Supervisão da Série

MAXIM BEHAR
NORBERTO DE PAULA LIMA



Tradução:
Agatha M. Auersperg

Composição, Revisão e Arte:
Estúdio Behar

Título original:
THE PRACTICE OF RITUAL MAGIC

© Copyright 1979 by The Aquarian Press

ISBN 0 85030 181 5

© Copyright 1982 by Hemus Editora Ltda.
Mediante contrato firmado com The Aquarian Press

*Todos os direitos adquiridos para a língua portuguesa
e reservada a propriedade literária desta publicação pela*



hemus editora limitada

01510 rua da gloria 312 liberdade caixa postal 9686
fone 2799911 pabx telex (011) 32005 edil br
endereço telegrafico hetec
são paulo sp brasil

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

Índice

1 O que é magia ritual?

A importância do simbolismo – Tipos de ritual – Distorção de caráter – Renascimento da consciência – Vestuário simbólico – O altar e as colunas – A loja mágica – Mandala - círculo mágico – Duas categorias 7

2 O círculo

Orientação interior – A divisão do círculo – Aplicação das correspondências – Acessórios – Os nomes mágicos – Explicação dos nomes de Deus – Vibração dos nomes – Poderes das armas mágicas – Imagens telemáticas 15

3 O altar e as colunas

Exercícios com as colunas – Contrapartes imaginárias – Portão para um país oculto – Altar: foco da percepção – Posição das colunas 25

4 A vestimenta

Uma vantagem psicológica – O manto – A salva – O anel 29

5 O ritual

Uma simples fórmula de cerimonial – O processo de crescimento – Preliminares – As circunvagões – A cruz cabalística – Ritual de abertura do pentagrama – Os arcanjos dos portões – Conclusão da abertura – Defumação – Invocação do Grande Mestre – Declaração de propósitos – O fechamento 33

6 O ano ritual

Os solstícios de verão e de inverno – A Festa da Assunção – Equinócio de primavera – Festa da primavera – Solstício de

verão – Lammas – Equinócio de outono – Finados – Solstício de inverno – A candelária – O touro da fertilidade 43

7 Os poderes planetários

Um rito com forças planetárias – A respiração pela fontanela – Reações fisiológicas – Material mitológico e lendário – Sol – Lua – Mercúrio – Vênus – Marte – Júpiter – Saturno – Correspondências cristãs 53

8 Construção e localização de um templo

Os ruídos da civilização – Transformação do sótão ou do porão – Como fazer seu próprio templo – Um armário ritual – Um templo ao ar livre – Marcação de um círculo 61

Apêndice

A esfera mágica – O cubo mágico – Construção das colunas – O “nemyss” – Vestimenta 67

1/ O que é magia ritual?

A magia ritual, ou cerimonial, é um dos maiores instrumentos de aprendizado e trabalho ocultistas. Evidentemente, trata-se de trabalho de natureza um tanto mais avançada que as conhecidas técnicas de meditação, visualização, concentração e sensibilidade psíquica, e, por esta razão, as pessoas em geral não têm uma idéia muito clara sobre o assunto. Em seu sentido mais restrito, não tem realmente muitos pontos de contato com a imagem apresentada por escritores ou jornalistas de sucesso, cuja origem pode ser encontrada sobretudo nas superstições medievais.

Trata-se de uma disciplina e de um método de prática ocultista que exige o empenho de todas as faculdades do estudante da Grande Obra. Como em qualquer ocultismo bem-conceituado, esta é o desdobramento da percepção, com o intuito de aperfeiçoar nossas qualidades humanas em geral e nossa compreensão do universo e, a partir disso, agir como intermediários conscientes para obra de Deus em Sua criação. A primeira parte do trabalho ocultista consiste em transformar nossa própria pessoa num instrumento digno para ser utilizado pelas forças da luz; e, a segunda parte, como consequência direta, é a dedicação ao serviço de Deus e em prol da humanidade.

A magia ritual pertence mais à segunda parte do desenvolvimento ocultista, pois não é possível praticá-la sem conhecer a fundo as técnicas da visualização; ademais, é imprescindível ter capacidade para uma concentração demorada, uma sensibilidade psíquica controlada e, ainda, uma profunda compreensão intuitiva, que só pode ser conseguida mediante a demorada prática da meditação. Entretanto ela pode ser utilizada para o desenvolvimento de principiantes, quando praticada em grupo, pois assistir a uma série de exercícios rituais, especialmente os de iniciação, pode ser benéfico para o desenvolvimento dos poderes ocultos e psíquicos latentes do estudante sincero.

A importância do simbolismo

O simbolismo tem importância fundamental para o ritual, como aliás para grande parte do ocultismo. Entretanto, ao invés de contemplarmos um símbolo de forma subjetiva, como poderíamos fazer na meditação, no ritual nos tornamos uma parte do símbolo (ou do sistema simbólico), representando-o no sentido físico e apresentando-o aos nossos sentidos de todas as maneiras possíveis, seja por

visualização, som, tato, odor, e até mantendo-o diante dos nossos sentidos interiores. Os sentidos interiores não são apenas as faculdades da imaginação, mas também a compreensão mental e a vontade ou intenção espiritual. O objetivo é focalizar a atenção temporariamente sobre um determinado ponto, eliminando tudo o mais além do símbolo.

Esta pode parecer uma operação efetivamente “restritiva”, quando, na realidade, é exatamente o oposto, porque não existe qualquer símbolo totalmente independente e auto-suficiente, e a “restrição” da meditação e da atenção resultam, de fato, no desenvolvimento e crescimento numa outra dimensão.

O processo é semelhante, de uma certa forma, ao que acontece na meditação, quando a mente revolve, de maneira circunscrita, um determinado tópico e, através desse método, adquire uma compreensão mais profunda. Entretanto a magia ritual é muito mais poderosa que a meditação, pois não empregamos apenas uma faculdade. Por esse motivo, as pessoas extremamente sensíveis, como, por exemplo, as que se dedicam ao desenvolvimento ocultista oriental, que inclui jejum, alimentação vegetariana e exercícios de respiração de ioga, devem tomar o cuidado de não se expor de maneira repentina à magia ritual. Poderiam, num sentido psíquico, “queimar um fusível”, porque, sem ter um sistema suficientemente resistente, ficariam expostas a uma “voltagem” psíquica excessiva.

A magia ritual é uma técnica ocidental, para o homem que é obrigado a viver na balbúrdia do Ocidente. O Oriente tem suas próprias técnicas para despertar a sensibilidade dos orientais, que podem se isolar nos eremitérios, afastados das multidões insensatas, sabendo que suas tigelas de esmola estarão sempre cheias.

Na magia ritual, como na maior parte do ocultismo, lidamos com o subconsciente ou inconsciente, e, através destes, entramos em contato com “realidades invisíveis”, estados objetivos da existência e entidades que, normalmente, não são acessíveis através do consciente. Isso significa que o ocultismo é muito mais do que brincar com visões subjetivas ou até com os “arquétipos do inconsciente coletivo”. É tudo isso, e muitas coisas que tomamos por ocultismo nada mais são do que uma regurgitação de elementos subconscientes; entretanto, para o ocultista preparado, e que “mantém seus contatos”, o inconsciente é apenas o espelho mágico, no qual se refletem realidades objetivas, embora não-físicas. Dessa forma, a consciência se projeta indiretamente numa quarta dimensão.

Tipos de ritual

Os rituais obedecem a uma classificação bastante ampla, conforme as intenções. Podemos distinguir rituais sazonais, de aperfeiçoa-

mento, de iniciação, de exploração e de libertação, embora existam rituais que não podem ser incluídos em nenhuma dessas categorias, e outros que incluem duas ou mais. Trataremos do local para o culto no capítulo dedicado aos rituais, posto que, muitas vezes, existe certa confusão entre rituais religiosos e rituais mágicos, por causa de determinadas semelhanças de estilo e de símbolos.

Os rituais sazonais são celebrados para assinalar acontecimentos especiais do ano do mago, e os principais são os equinócios e os solstícios, que se alternam a cada três meses e que representam as mudanças das marés psíquicas. No trabalho que efetua sobre si mesmo, o mago considera que cada uma das quatro estações tem uma correspondência com sua própria psique. Por exemplo, o elemento água é equiparado frequentemente ao período entre o solstício de inverno e o equinócio da primavera e, nesse tempo, sua alma se purifica, eliminando todos os resquícios psicológicos desgastados e indesejáveis, preparando-se para um novo crescimento na maré do equinócio de primavera, que, em geral, equivale ao fogo. Isso não significa, necessariamente, uma volta às formas pagãs do culto da natureza — embora tenha, tal como o cristianismo, esses matizes, os quais só podem enriquecê-lo, quando compreendidos com simpatia —, mas é um processo consciente, contínuo, de crescimento psíquico, que se vale das estações do ano como um contexto natural e adequado.

Distorção de caráter

Os rituais de aperfeiçoamento podem ser de dois tipos, que poderíamos classificar como gerais e específicos. Em geral, têm o intuito de equilibrar uma distorção de caráter, que pode ser individual ou de um grupo. Podem auxiliar no tratamento de uma doença física, embora nenhum mago responsável se atreva a substituir um médico. Cada um tem suas tarefas bem definidas: o médico trata os transtornos físicos; o mago cuida das causas internas que podem provocá-los.

O método de aperfeiçoamento específico tenta remediar um desequilíbrio mediante um ritual dedicado à sua qualidade oposta. Para isso, torna-se necessário um sistema de correspondências como as da Árvore da Vida, no qual um excesso de suscetibilidade (que simbolicamente é atribuído à esfera de Marte) deve ser tratado através de um ritual ou série de rituais dedicados exclusivamente a Júpiter. O método de aperfeiçoamento geral, ao contrário, salientaria mais um complexo de símbolos de natureza harmoniosa e equilibrada, como o que está associado com o Sol (e todos os deuses curadores pagãos estão, de algum modo, associados com o Sol). Mais uma vez,

o emprego de sistemas de símbolos pagãos não deve ser confundido com o culto pagão. Essas formas divinas são apenas lentes psíquicas, nas quais devem ser concentradas forças de tipo apropriado, que emanam ou do inconsciente coletivo ou dos domínios objetivos internos da existência.

Renascimento da consciência

Os rituais de iniciação, invariavelmente, são rituais de grupo, ocasião em que um novo membro aprende o simbolismo específico utilizado pelo grupo. Frequentemente se encena um drama de renascimento, no qual o próprio postulante tem o papel principal. A idéia inicial é a de induzir o neófito em ocultismo a um renascimento da consciência, para se conseguir que as realidades interiores alcancem a mesma força das realidades exteriores. O recém-chegado ao ritual, na maioria dos casos, tem sua expectativa voltada para os acontecimentos físicos, sem dúvida porque espera que toda espécie de fenômenos taumatúrgicos e outros espetáculos pirotécnicos ocorram diante de seus olhos.

À medida que aumentam seu conhecimento e experiência, porém, o neófito aprende a ver com seu olho interior, a ouvir com seu ouvido interior e a perceber a realidade interior, da qual a ação física é apenas o reflexo externo. Existem muitos níveis de iniciação, pois o estudante de magia adquire sempre maior profundidade e amplitude de percepção, e cada nível pode ser marcado por uma nova cerimônia de iniciação. Tais cerimônias, quando em níveis mais elevados, costumam ser efetuadas em um templo que não foi construído por mãos humanas.

Os rituais de exploração dão continuidade ou incorporam a técnica da imaginação ativa, conhecida como viagem astral, ou a concentração sobre uma visão espiritual. Em geral incluem uma cerimônia formal de abertura e fechamento, com algum trabalho original, em sua parte central, que não costuma ser preparado de antemão. Esse trabalho pode tomar o aspecto de meditação individual ou de grupo, que, por ser efetuada na atmosfera mais elevada das condições rituais, é, por conseguinte, mais frutífera que a meditação individual e informal.

O ritual de libertação tem muitos pontos de semelhança com o ritual de aperfeiçoamento, estando, porém, mais estreitamente ligado a determinados tipos de oração. Num nível, pode ter por objetivo acalmar as almas dos que chamamos de mortos, e que podem estar perturbadas por algum motivo. Em outros níveis, preocupa-se em auxiliar para que a luz do Cristo brilhe em obscuras áreas de horror e terror, em partes da Criação cuja existência é ignorada pela maioria dos cristãos, e mais ainda pelos agnósticos e incrédulos. Portanto

podemos concluir que a magia, em seu sentido mais verdadeiro, é uma vocação espiritual muito especial.

Vestuário simbólico

Além do tipo de ritual a ser empregado, temos também de considerar as vestimentas e outros objetos simbólicos, que representam uma parte essencial da cerimônia. É nessa área do ritual que se torna aparente a necessidade de um sistema simbólico abrangente, como a Árvore da Vida, da Cabala, porque as cores, e até os materiais usados, variam conforme um ou outro tipo de trabalho. Entrando num ritual, nos despimos, por assim dizer, de nossa personalidade cotidiana e vestimos uma versão mágica — a que corresponde ao rito. Nisso, somos auxiliados pela vestimenta e pelos símbolos. Os símbolos principais normalmente são parecidos com os que aparecem nas cartas do Tarô: o bastão, varinha mágica ou lança; a taça, caldeirão ou cálice; a espada, faca ou flecha; e o disco, ou pantáculo*. Outros símbolos comuns são a chave, o espelho, o anel, a salva, a lâmpada, a faixa, e assim por diante, sem falar dos muitos tipos de incenso que podem ser queimados no turíbulo.

Em sua maior parte, esses símbolos são muito antigos e estão profundamente arraigados na psicologia humana, mas, em termos práticos, seu real valor está na constância com que trabalhamos com eles na magia e na meditação. Como um violinista, um mago deve “construir suas próprias notas” e, sem uma prática preliminar e diligente do “exercício dos cinco dedos” do ocultismo, qualquer tentativa prematura de realizar um ritual pode resultar tão desgastante como os esforços de algum violinista amador e sem treino, com a agravante de possíveis conseqüências muito mais sérias, especialmente quando tal tentativa é feita por um grupo. Em geral, o mago amador solitário não consegue atrair forças suficientes para se prejudicar.

Os símbolos físicos são, evidentemente, representações externas de uma realidade interior, e o princípio pode ser comparado a dois espelhos paralelos entre si, que continuam a se refletir mutuamente ao infinito. De maneira semelhante, o símbolo mágico interior reflete o símbolo mágico exterior, que reflete o símbolo mágico interior, que reflete o exterior, e assim por diante.

No que se refere aos símbolos vocais, o que chamamos de “palavras mágicas” ou “nomes do poder”, ou ainda, “nomes mágicos”, a soma total dos símbolos num ritual, trabalham conforme um princí-

* Do grego *panta* (todo). Trata-se de um símbolo mágico que capta energias da totalidade para aplicação específica. É, pois, mais abrangente que o pentagrama. (N. do R.)

a um leigo curioso, embora interessado, posto que, a um observador não-iniciado, isso poderia parecer uma espécie de encenação dramática amadora num quarto cheio de cacarecos estranhos. Portanto apenas os que têm uma vocação real conseguem perceber as possibilidades em toda sua extensão; isso também explica os mal-entendidos e a ignorância a respeito da magia. Esperamos que este volume possa contribuir para o esclarecimento.

Em termos mais facilmente aceitos por uma mente moderna, a magia ritual poderia ser chamada de “ciência da mandala”. Os que estudaram um pouco de psicologia junguiana dispensam explicações sobre a mandala. É um tipo especial de símbolo que surge na consciência quando uma pessoa, submetida a psicoterapia, está se aproximando da integração psicológica, e sua mente consciente está entrando em acordo com o inconsciente. Trata-se de uma figura regular, em geral quadrada, e Jung também acha que a estrutura da psique humana é quádrupla. Recomendamos a leitura de um livro simples, que apresente uma introdução à psicologia junguiana.

Mandala – círculo mágico

Pode-se dizer que a forma mais simples de mandala é representada por uma cruz num círculo, e sobre essa base é possível construir-se um sistema completo de ritual mágico. A tradução da palavra hindu “mandala” é, de fato, “círculo mágico”. Jung se apropriou dessa palavra para descrever a representação simbólica da psique humana, completa e equilibrada. No Oriente, de fato, as mandalas são empregadas como símbolos para a meditação. A contemplação das mandalas deve produzir uma sensação de paz interior, bem como do sentido e da ordem da vida.

Em seu sentido real, não são apenas construções mentais conscientes, mas símbolos poderosos que surgem, completamente desenvolvidos, das profundezas do inconsciente. O que fazemos, de fato, no ritual mágico, é construir uma mandala tridimensional, e trabalhar fisicamente em seu interior. *Através desse meio, pretendemos projetar a percepção numa quarta dimensão.*

Duas categorias

Sob o aspecto ritual, a magia pode ser dividida em duas categorias. A camada inferior trabalha ao nível de uma espécie de sociedade amistosa de cunho filosófico. Pode haver até vestimentas ou aventais e o recital de vários rituais que, no pior dos casos, se reduzem a uma espécie de brincadeira meio extravagante e, no melhor dos casos, é apenas o recital de fórmulas bombásticas benignas, juntamente com títulos pomposos para a maioria dos participantes.

Quaisquer que sejam as intenções, nessas reuniões, em geral o

pio diferente, análogo ao de um reator atômico. Ao trabalharmos sistematicamente com diferentes símbolos durante a meditação, de maneira que cada símbolo exerça um efeito poderoso sobre a percepção, a justaposição e inter-relação de muitos desses símbolos provoca um efeito cumulativo que vai além do lampejo da percepção mundana.

O altar e as colunas

Entretanto os símbolos principais são o que poderíamos chamar de a "mobília" da loja mágica: o altar e as colunas. As colunas representam, em sentido filosófico, a dualidade que se encontra em toda a existência; entretanto queremos mencionar, de passagem, que a filosofia mágica não é dualística, no sentido de que existe um deus bom que luta contra um deus mau. As colunas representam mais os complementos positivo e negativo, masculino e feminino, ativo e passivo, que compõem a teia da vida. Em geral, uma coluna é branca ou prateada, enquanto a outra é preta, porém podem existir outras combinações, como verde e ouro, ou vermelho e azul. Nos termos práticos do exercício do ritual mágico, representam a passagem consciente para os planos interiores da existência além da física. Por esse motivo, freqüentemente um véu está suspenso entre elas, sendo afastado durante o ritual, quando os planos interior e exterior se unem. Passar entre as colunas, com intenções rituais, numa loja mágica bem constituída, pode resultar numa grande experiência, até mesmo para um leigo.

O altar é o centro focal da atenção durante o ritual e, basicamente, é apenas uma superfície para o trabalho, considerada como em equilíbrio entre as realidades interior e exterior, e sobre a qual podem ser colocados os símbolos utilizados de forma ativa. Muitas vezes, sobre o altar, há uma luz perpétua, que pode também ficar suspensa, como em muitas igrejas, simbolizando a luz eterna, à qual dedicamos toda nossa lealdade.

A loja mágica

Não podemos, pois, nos esquecer da área em que tudo isso acontece, a loja mágica, o templo, ou o círculo. Este é apenas uma esfera definida de atividade, um local reservado no qual nada pode nos distrair do trabalho a executar. Podemos compará-lo a um anfiteatro para operações cirúrgicas, embora sua atmosfera e o instrumental possam lembrar mais uma igreja.

A magia não é, com toda certeza, uma religião "marginal" ou esquisita. É uma disciplina tão severa como a cirurgia, e com muitas das inconsistências e incertezas das artes médicas, mas multiplicadas, pois trata com o que é imperceptível aos nossos sentidos físicos e à nossa consciência. Não é algo que pode ser facilmente demonstrado

2/ O círculo

Para qualquer propósito prático, é possível considerar um templo mágico como sinônimo de um círculo mágico. O ideal seria dispor de um aposento, ou talvez de uma pequena construção, reservada apenas para o ritual. Este seria nosso templo. Entretanto nem sempre isso é possível, e a melhor alternativa será transformar temporariamente um aposento qualquer em templo, construindo um círculo mágico.

Podemos fazer isso com a maior facilidade pintando um círculo sobre um pano ou tapete, que estenderemos no chão, e que pode ser enrolado e guardado quando não estiver em uso. Evidentemente, o que interessa é o círculo interno, e não o círculo externo. Da mesma forma que o ocultismo prático está interessado na utilização dirigida da concentração mental e da visualização, o ritual mágico é apenas um meio para se conseguir uma concentração e uma visualização muito mais fortes do que seria possível de outra forma.

A diferença física entre um círculo mágico e um templo está no fato de que o primeiro é bidimensional, e o segundo é tridimensional. Num templo haveria, normalmente, um círculo permanente marcado no chão, e, mesmo assim, o mago teria de utilizar sua concentração e imaginação para construir o círculo e o templo "interiores". Dispondo apenas de um círculo físico, temos de construir o círculo e o templo com nossa imaginação concentrada, e a única diferença é que, ao nosso redor, não existem as paredes físicas do templo para nos ajudar na visualização.

Orientação interior

O propósito do círculo e também do templo é a orientação interior. Nossa posição é estacionária com respeito a certas coordenadas predeterminadas. Assim, num sentido bidimensional, estamos parados no centro de um horizonte infinito, no ponto exato de encontro das direções cardeais do leste, oeste, sul e norte. Num sentido tridimensional, vemo-nos no centro de uma esfera ou de um cubo e, neste último caso, no ponto central entre as seis faces, os oito cantos e todos os doze lados.

A observação pode parecer até banal, mas, entre nós, a maioria carece exatamente de orientação psíquica, e este simples método é um meio excelente para alcançá-la. Podemos ver isso, em forma diferente, na prática cristã de fazer o sinal da cruz, que tem também

poder mágico se destaca por estar oculto, embora o simbolismo pudesse eventualmente ter a capacidade de atuar como um canal colimador de forças ocultas, se os participantes soubessem como usá-las. Isso parece indicar que muitos desses sistemas podem ter se originado de outros com conhecimento de rituais mágicos, mas que decaíram em nossos dias.

Já o nível mais elevado da magia pode se valer, portanto, de fórmulas parecidas, mas, ao invés de ser uma charada colorida, o simbolismo recebe o poder dos planos interiores por intermédio daqueles que aprenderam a usá-lo. Não é fácil encontrar ou se unir a grupos desse tipo, e existe, ainda, com o correr do tempo, a lamentável tendência de esses grupos se transformarem nos do primeiro tipo; nesse processo, porém, os grupos costumam lançar ao redor *disjecta membra* (restos desagregados), que formam grupos menores, de mais longa ou curta duração, que retêm — e que podem até superar — a original vitalidade mágica.

Esse processo orgânico pode ser um resultado natural do número de participantes. Quando qualquer grupo aumenta, incluindo mais de uma dúzia de associados, acontece a institucionalização, e é muito raro que um grupo consiga sobreviver e manter sua vitalidade após a retirada de seu fundador. Por outro lado, o ritual não precisa se limitar a uma prática de grupos; poucos entendem que tal prática pode ser individual. Este livro foi escrito para que as pessoas tenham a oportunidade de se desenvolver ocultamente e, em seguida, possam instruir outros — pois o círculo mágico, ou templo, é um chão mais fértil que qualquer outro para a instrução do ocultismo.

Os fundamentos da magia cerimonial são (1) o círculo (ou templo); (2) as colunas e o altar; (3) a vestimenta; e (4) o ritual. Vamos tratar sucessivamente de todos.

uma correspondência oculta na cruz cabalística, da qual falaremos mais adiante. Vale a pena tentar isso como um exercício preliminar para trabalhos mágicos, e também como uma simples psicoterapia. Basta insistir moderadamente para ver que os resultados realmente valem a pena, e o mago ritualista deve ser, sobretudo, alguém sempre pronto a experimentar essas práticas, ao invés de apenas ficar sentado e ler a respeito.

O círculo representa a totalidade do homem (quer dizer, de si próprio) e a totalidade do universo. Dessa forma, aprendemos, em primeiro lugar, a nos orientar em sentido central em relação a nossa individualidade maior e desconhecida, as alturas e as profundezas, o Bem e o Mal, o passado e o potencial — e também com respeito à totalidade maior.

A divisão do círculo

O passo seguinte é a divisão do círculo em segmentos, para fragmentar o infinito num certo número de categorias finitas, a fim de manuseá-las. Pode ser um número qualquer, e podemos empregar qualquer sistema tradicional de símbolos. Poderíamos ter, assim, doze segmentos, dedicando cada um a um signo do Zodíaco. Ou poderíamos ter seis segmentos, repartidos entre os planetas ditos “tradicionais” — com o Sol no centro. Neste livro, para melhor explicar, utilizaremos um sistema mais simples, baseado em quatro divisões, designando, para cada segmento, um dos quatro elementos tradicionais — ar, água, fogo e terra.

Portanto dividiremos nosso círculo, esfera ou templo cúbico em quatro quadrantes, com base nos quatro pontos cardeais e designaremos um elemento para cada um. Teremos, portanto, o ar a leste, o fogo ao sul, a água a oeste e a terra ao norte. Esse plano básico, bidimensional, aplicado a um círculo, está representado no diagrama a seguir. O princípio é igualmente simples quando a aplicação é tridimensional, mas podemos demonstrá-lo melhor através da construção de modelos sólidos em cartolina. São muito fáceis de fazer e muito instrutivos. Os detalhes da construção estão no Apêndice.

Utilizaremos agora a lei das correspondências, reunindo um quadro de atribuições sob o cabeçalho de cada quadrante. Na página seguinte daremos um pequeno exemplo de quadro.

Devemos ressaltar que esses quadros de correspondências deviam ser empregados, na prática, no interior do círculo. Fora disso, têm apenas a função estéril de aumentar a barafunda de noções na mente do estudante, ou, o que é pior ainda, tornarem-se objeto de inúteis discussões sobre as “reais” atribuições.

De fato, parece óbvio que as listas de atribuições só podem diferir de uma pessoa para outra. E, em qualquer caso, as atribuições “reais” são aquelas que mais atraem o indivíduo, que deve tê-las



AR	FOGO	ÁGUA	TERRA
Leste	Sul	Oeste	Norte
Espada	Vara	Taça	Disco
Amarelo	Vermelho	Azul	Verde
Amanhecer	Meio-dia	Entardecer	Meia-noite
Primavera	Verão	Outono	Inverno
Vida	Luz	Amor	Lei
Fé	Esperança	Caridade	Compreensão
Infância	Mocidade	Maturidade	Velhice

— e poderíamos continuar essa lista indefinidamente.

alcançado através da meditação e de seus próprios sentido e intuição esotéricos, mais do que coletando-as dentre as páginas de alguma “autoridade”. Os leitores podem considerar as atribuições citadas como parte integrante da tradição estabelecida (as quais, para o autor, são de valor comprovado); entretanto não há qualquer imposição no sentido de o leitor adotá-las como verdades infalíveis. Com a devida experiência, cada pessoa encontrará por si mesma as melhores correspondências. Por outro, até adquirir essa experiência, é aconselhável seguir um sistema já conhecido. Entretanto é preferível não passar de um sistema para outro por motivo de indecisões. Uma técnica eclética pode ser útil para os adeptos experimentados, mas, para um neófito, não passa de desperdício de tempo e de energia.

Ser apenas um colecionador de simbolismos e ficar estudando quadros de correspondências sem jamais aplicá-las na prática é como ser um colecionador de roteiros turísticos, um viajante de sala de estar que nunca se aventurou além dos limites de sua própria cidade natal.

Aplicação das correspondências

Podemos começar a adquirir experiência em trabalhos de magia aplicando as poucas correspondências de amostra que sempre inclui-

mos. Imagine um círculo ao redor de você, e esse círculo está claramente marcado e dividido em quatro quadrantes, conforme os pontos cardeais. A leste, num ponto da circunferência, visualize uma espada flutuando no ar, com a ponta para cima. Você pode imaginar qualquer tipo de espada, embora a que se usa com mais frequência é uma espada com o punho em cruz. Ou, então, é possível substituir mentalmente essa e as outras armas mágicas por uma carta do Tarô*, no caso o ás do naipe correspondente.

Agora, aproxime-se da circunferência do círculo, até se encontrar próximo da arma imaginada, e comece a construir as outras correspondências anotadas na coluna. Pode-se fazê-lo em qualquer ordem, pois o propósito é conseguir, em seu interior, despertar a sensação de todas essas correspondências juntas.

Portanto, enquanto você está parado no leste, diante da espada, imagine-se iluminado por uma luz amarela, sinta o ar se mover ao seu redor, ouça os pássaros chilrear saudando a alvorada e perceba o despertar urgente da vida na primavera; sinta-se como uma criança, e também cheio de fé na glória e na beleza de todas as coisas; perceba o pulsar da vida. Permaneça assim por um breve período (no máximo dez minutos), depois volte para o centro do círculo e reassuma seu estado de consciência normal.

Repita esse procedimento, sucessivamente, em cada quadrante. Pode ser proveitoso continuar esse exercício durante algumas semanas. Em cada sessão você pode experimentar os quadrantes sucessivamente, ou pode se concentrar apenas num único quadrante em cada sessão diária. Entretanto é importante desenvolver todos os quadrantes, e não se concentrar apenas em um ou em outro, que podem inspirar maior afinidade. Se você pretende se concentrar especialmente num quadrante mais que nos outros, este deverá ser o quadrante pelo qual você se sente menos atraído, pois dessa forma você poderá restabelecer seu equilíbrio psíquico. A concentração no aspecto que nos aparece mais fácil é desaconselhável; embora, no começo, isso possa parecer mais estimulante e de maior progresso, levará inevitavelmente a um desequilíbrio da personalidade.

Neste estágio de nossos estudos, não utilizamos as grande palavras e nem os nomes dos mágicos, que costumam excitar uma curiosidade mórbida e provocar especulações supersticiosas dos leigos. Estes virão, mas são apenas acessórios completamente lógicos, razoáveis, que, como todas as boas ferramentas, poupam tempo e complicações. E queremos também acrescentar, sem demora, que nenhum deles teria qualquer utilidade sem o presente trabalho de preparação da construção de reações conscientes nos quadrantes, com base nos quadros de correspondências.

* O baralho comum deriva dos Arcanos Menores do Tarô. (N. da T.)

A idéia de que um novato possa, sem querer, ou mesmo presunçosamente, pronunciar uma palavra mágica ou rabiscar um símbolo místico, e ser imediatamente punido por terríveis forças sobrenaturais, pertence apenas à imaginação dos autores de ficção científica. Podemos conseguir da magia apenas o quanto colocamos nela. Nos estágios iniciais, uma pessoa não contribui com muita coisa, sendo, pois, improvável que consiga reações de forças incontroláveis. (É oportuno lembrar que uma pessoa neurótica ou instável não deve mexer com o oculto sem a supervisão de uma pessoa experimentada, para que não aconteçam dissociações descontroladas da percepção.)

Entretanto o mago experiente *tem* a possibilidade de conseguir mais do que aquilo com que contribuiu. O resultado é *proporcional* à doação, da mesma forma que um arqueiro pode impulsionar uma flecha com força infinitamente maior quando usa um arco, do que lançando-a apenas com a força muscular do braço.

Durante as primeiras semanas ou os primeiros meses de estudo, é suficiente conseguirmos aumentar nossa experiência no que se refere aos quadrantes, sem auxílios artificiais, os quais apenas serviriam para criar obstáculos e confusões nesse estágio, ou estimular atitudes supersticiosas. Esses períodos de trabalhos com os quadrantes podem ser utilizados para meditar sobre as qualidades de cada um, e descobrir mais atributos ou correspondência na parte mais íntima de nosso interior.

Acessórios

Se você dispõe de um local adequado, pode começar a procurar os objetos para cada quadrante. Por exemplo, você pode comprar pequenas lamparinas a óleo, copos coloridos para colocá-las, nas cores apropriadas para cada quadrante. Você pode também ter quadros, um para cada quadrante, representando as quatro estações, ou os quatro elementos, ou, ainda, o amanhecer, o meio-dia, o entardecer e a meia-noite.

Você pode comprar os quadros ou também pintá-los pessoalmente. Podem ser realistas, abstratos ou simbólicos. De qualquer forma, é aconselhável evitar o excesso de peças. É preferível ter poucos, escolhidos e arrumados com bom gosto, pois assim se evitará aquele clima desagradável de antiquário.

Você também poderá arrumar as quatro tradicionais armas mágicas. Conforme a tradição, a espada deve ser recebida ou conquistada; a vara mágica deve ter um desenho exclusivo, e deve ser feita por você pessoalmente, sem que qualquer pessoa saiba, ou possa vê-la; a taça deve ser um presente de alguém que ama você; e o disco deve ter um desenho que represente sua própria e pessoal compreensão do universo. Como a vara representa sua própria e verdadeira vonta-

de espiritual, jamais deve ser mostrada a outras pessoas, a não ser em circunstâncias excepcionais, e deve permanecer oculta num local secreto, envolvida em seda; outras varas podem ser compradas ou feitas, para serem utilizadas como substitutas externas.

Os nomes mágicos

Depois de adquirir, por meio da prática, uma compreensão suficiente do que representam os quadrantes em seus múltiplos níveis e aspectos, podemos proceder à formulação de importantes nomes mágicos, ou nomes do poder. Existem dois nomes principais para cada quadrante. Um desses é o nome de Deus, quando Dele nos aproximamos sob um determinado aspecto, e o outro é o da inteligência arcangelical que, por tradição, acreditamos estar governando cada quadrante. Podemos arrolá-los como segue:

LESTE	SUL	OESTE	NORTE
IHVH	ADNI	AHIH	AGLA
Rafael	Miguel	Gabriel	Ariel

Os nomes de Deus são todos hebraicos, e são pronunciados com a mesma força em cada sílaba, que deve ser um pouco prolongada: Ii-a-uu-ê; A-do-na-ii; E-eh-ii-ê; e A-gla. Os que seguem as antigas tradições, freqüentemente visualizam as quatro letras de cada nome em caracteres hebraicos em luz dourada, diante deles em cada quadrante.

Por outro lado, como atualmente em sua maioria os adeptos da magia branca são cristãos que acreditam que, num certo período da História, Deus se encarnou numa forma humana como Jesus, o Cristo, e que permanecerá conosco “até o final dos tempos”, não existem muitas razões para se considerar Deus do mesmo ponto de vista do misticismo judaico medieval — que é a origem da maior parte do simbolismo mágico ritual. Empregando um antigo ditado, não vale a pena conservar a água do banho junto com o neném.

Portanto, embora mantendo os nomes tradicionais, que são ideografias da aura, poderemos talvez modernizar nosso conceito de Deus, visualizando Deus como Homem (a saber, como o Cristo) em cada quadrante, em lugar de um remoto potentado oriental, do qual só poderíamos nos aproximar através de símbolos abstratos ou de muitos intermediários hierárquicos.

Cada um pode escolher as formas utilizadas a partir de relatos nos evangelhos. Para ajudar nessa escolha, entretanto, podemos considerar o Cristo como: o guia, no leste; protetor, ao sul; companheiro, a oeste; e mestre ao norte. Essa, porém, não é a única maneira de fazer sua escolha. Talvez você prefira dar ênfase ao ciclo do tempo no círculo mágico; nesse caso, será apropriado escolher o Cristo criança, para o leste; o Cristo evangelizador triunfante, para o sul; o Cristo

crucificado, no supremo sacrifício de amor, para o oeste; e o Cristo oculto, ressuscitado e em ascensão, para o norte.

Explicação dos nomes de Deus

Existem múltiplas idéias nos tradicionais nomes de quatro letras, mas podemos fazer um breve resumo. *Ihvh* é um nome utilizado no Velho Testamento e que os judeus devotos consideram tão sagrado que não deve ser pronunciado; parece, aliás, que a pronúncia correta é desconhecida.

Antigos estudiosos, ignorando as sutilezas da tradição hebraica, pronunciaram esse nome como Jeová; já os estudiosos modernos da Bíblia preferem a forma Iavé. Entretanto, de um ponto de vista esotérico, parece mais apropriado considerá-lo um nome composto apenas de vogais. O hebraico antigo, quando escrito, era constituído unicamente de consoantes, mas são as vogais que dão vida aos caracteres escritos; por conseguinte, a Deus (o Verbo, ou Logos), parece mais apropriado dar um nome apenas de vogais, quando considerado em Sua essência, invisível, mas presente em toda parte, dando vida à Criação.

Adni, freqüentemente traduzido como Adonai, significa apenas Senhor. Esse é o nome que substitui *Ihvh* quando um judeu devoto lê a Bíblia em voz alta. Poderia, portanto, representar Deus manifesto diante de Suas criaturas, Senhor, Protetor, Sustento e Criador.

Ahieh, que, em geral, se escreve *Eheieh*, é o nome que Deus revelou a Moisés no arbusto em chamas. Em geral é traduzido como “Eu Sou”, ou “Eu Sou o que Sou”. Enfatiza Deus como um fato sempre presente, que é, que era, e que sempre será — o eterno companheiro de todas as Suas criaturas.

Aglá é uma forma especial de código secreto, porque é um nome composto com as letras iniciais de uma sentença, “*Ateh Gedulah Le’ohlahm Adonai*”, que significa “Tu és poderoso para sempre, ó Senhor”. Essa construção artificial, que implica uma análise para se chegar à compreensão, é um nome apropriado para o quadrante setentrional, o qual, entre outras coisas, simboliza aquilo que está oculto (o Sol da meia-noite, etc.), a lei e a compreensão.

Vibração dos nomes

Agora já podemos acrescentar esses quatro nomes aos nossos exercícios de formulação dos quatro quadrantes. Os nomes, mais do que pronunciados num tom de voz normal, deveriam ser “vibrados”. A postura tem um papel muito importante para produzir a vibração tonal necessária; temos de assumir uma postura equilibrada. Podemos conseguir isso mais facilmente colocando os pés na forma da letra T; com o pé direito atrás do pé esquerdo. As mãos são colocadas postas sobre o coração, com os dedos apontando para o alto,

mantendo uma leve pressão. Isso resulta numa posição como a de acólitos em algumas cerimônias religiosas, mas, de fato, é muito mais que uma pia atitude, porque se trata do remanescente de uma ioga pouco conhecida no Ocidente. Produz equilíbrio físico e mental, e também abre a cavidade torácica enquanto, simultaneamente, lhe confere uma leve pressurização.

Os nomes são pronunciados com “respiração forçada”. Imagine que as palavras devam ser expelidas, da boca, contra um meio mais denso que o ar; usando uma analogia um tanto esquisita, como se você fosse obrigado a lançar suas palavras através de melado.

Um pouco de prática logo mostrará quando você alcança a intensidade correta. A voz se tornará mais sonora, e também ajudará muito emendar as palavras entre si, enfatizando ao máximo as vogais e as consoantes, sobretudo os sons com “m” e “n”. Pode-se praticar com qualquer tipo de texto para desenvolver a técnica. A vibração das palavras corretamente pronunciadas pode ser sentida em algumas partes do corpo, especialmente nas palmas das mãos e nas solas dos pés.

Quando a técnica já pode ser dominada com naturalidade, sem distrações causadas por acanhamento, você deve experimentá-la com os nomes divinos. Depois de criar a atmosfera necessária num determinado quadrante, enquanto você permanece na postura recomendada, vibre o nome de Deus; *sinta* Sua presença abençoando e protegendo você, e construa uma imagem do aspecto de Deus com o olho da mente, ou, então, veja Seu nome sob luz dourada. Sinta como suas imagens já construídas ganham em vida e em poder quando você invoca o nome Dele.

Depois de praticar durante algum tempo, a mente se torna tão condicionada que, quando você vibra o nome, as imagens e os sentimentos associados àquele determinado quadrante já deverão fluir automaticamente em sua consciência. Nesse caso, *you will have constructed a magic word*, uma palavra ou um nome que, devido aos reflexos condicionados adquiridos com a meditação e a prática, desprenderão energia psíquica de um determinado tipo controlado, quando utilizada com intenção consagrada.

Poderes das armas mágicas

É consolidando poderes psíquicos específicos e realizações em ações, objetos, sensações e sons específicos que o mago desenvolve os poderes de suas armas mágicas. Por exemplo, sua espada mágica não é realmente a arma que ele pode manusear em seu templo físico, mas a espada interior, espiritual/intuitiva/mental/emocional, desenvolvida através de demoradas meditações, visualizações e a prática física de exercícios dedicados ao quadrante oriental.

Isso não deve encorajar o desenvolvimento do “mago de poltro-

na”, que não se esforça para conseguir pessoalmente armas mágicas fisicamente reais. O manuseio efetivo da espada, a sensação de seu peso, o fato de limpá-la e guardá-la são importantes, pois servirão para “aterrar” todas as realizações importantes, como nenhum outro fato poderia conseguir. Os atos e objetos rituais mágicos são como um circuito ressonante de rádio: a ação/objeto estimula a reação psíquica, que desenvolve um maior poder de sugestão na ação/objeto, que, por sua vez, estimula uma maior reação psíquica, a qual desenvolve um maior poder na ação/objeto, e daí por diante.

A energia ativa (espada), a vontade espiritual (vara), a compaixão e a receptividade psíquica (taça) e a compreensão (disco) do mago se desenvolvem, assim, sob direção divina, em quatro aspectos.

Entretanto a magia não se exerce num vácuo psíquico. Ao abrir a percepção para outros planos de existência, que os ignorantes pensam ser completamente subjetivos, você naturalmente entrará em contato com os habitantes daqueles planos, cujo foco de percepção se encontra normalmente numa faixa diferente do espectro de percepção em que se encontra o foco de percepção dos humanos. No contato com essas entidades, conseguiremos guia e proteção, invocando a inteligência arcangelical própria de cada quadrante.

O método para vibrar os nomes arcangelicais é o mesmo que utilizamos para os nomes de Deus. Cada sílaba é pronunciada separadamente, prolongando bastante as vogais: Raa-faa-eel; Mii-gueel; Gaa-brii-eel; Aa-rii-eel.

Imagens telemáticas

Ao vibrar os nomes em cada quadrante, é comum visualizarmos uma figura antropomórfica (a figura convencional, com vestimenta comprida e grandes asas, serve muito bem ao caso). Devemos entender que essas imagens, junto com todas as imagens mágicas desenvolvidas na imaginação criativa, são, por si, apenas imagens, como *slides*. Entretanto, as “imagens telemáticas”, para chamá-las com seu nome técnico, atuam como focos para a entidade efetiva num outro plano, de maneira que sua presença possa ser percebida na consciência do postulante.

A visualização mágica funciona em dois sentidos. Funciona positivamente, pela habilidade do mago em formular imagens e mantê-las firmes em sua mente, até por um período relativamente longo, quando isso é necessário (muitas vezes de uma a duas horas); e também funciona negativamente, pela habilidade em deixar que as imagens tenham vida e movimento próprios e de observá-las enquanto isso acontece, ou de conversar com elas, mantendo um delicado equilíbrio entre deixá-las estáticas ou rígidas demais, e serem levadas para a difusão ou o caos.

Os arcanjos podem ser visualizados com vestimentas nas cores de

seus quadrantes, cada um com seus próprios atributos simbólicos. Rafael é um guia de viajantes e aparece na Bíblia como guia de Tobias. Miguel é representado, em geral, matando o dragão da maldade com uma longa lança. Gabriel é o anjo da Anunciação, e freqüentemente tem uma trompa na mão. Os três são freqüentemente representados na arte religiosa, e recomendamos uma pesquisa que englobe os vários quadros e as lendas e também os episódios bíblicos que se referem a esses três Arcanjos. O mago praticante não deveria esquecer a biblioteca mais próxima; seria errado, porém, desperdiçar nela todo seu tempo e todas as suas energias.

Ariel é o menos conhecido. Seu nome deriva de uma palavra hebraica que significa luz, e sua luz deriva da luz das estrelas, às quais se associa no quadrante setentrional. Pode ser representado como uma entidade escura, de feições já envelhecidas, carregando um grande livro aberto e com um dedo apontando para as estrelas.

Depois de formular os quatro quadrantes do círculo ou templo mágico e tê-los estabelecido em nosso íntimo como um aspecto particular da realidade presidida por Deus, estando cada um sob a jurisdição de um dos ministros arcangélicos de Deus, podemos agora passar a descrever a mobília básica de nosso círculo mágico, e que se resume no altar e nas colunas.

3/ O altar e as colunas

No sentido filosófico, as ramificações simbólicas das colunas são muito amplas. Entretanto, sua essência prática é simples, pois representam o portal para os planos interiores.

Suas cores podem variar, porém são sempre duas colunas, sendo uma de cor clara (ou brilhante) e a outra escura. Representam a dualidade que existe em todas as coisas criadas; por conseguinte, pode-se construir, para as colunas, um quadro de correspondências, tal como para os quadrantes, bastante extenso. O estudante pode começar com as que estão anotadas a seguir, embora cada mago deva compor sua própria lista de realizações.

COLUNA ESCURA

Negativo
Feminino
Noite
Passivo
Receptor
Forma
Pingala
Yin
Boaz

COLUNA CLARA

Positivo
Masculino
Dia
Ativo
Emissor
Força
Ida
Yang
Jachin

As três últimas correspondências são os nomes desses princípios nos idiomas hindu e chinês, e na instrução maçônica.

As cores costumeiras para as duas colunas são o preto e o prata e, embora pudéssemos visualizar cores diferentes ao formular colunas em cada quadrante (respectivamente, nas cores ativas e passivas, que, em geral, são: para o leste, azul/amarelo; para o sul, carmesim/escarlata; para o oeste, prata/azul; para o norte, marrom/verde), não é muito prático abarrotar o templo com colunas de várias cores, bastando um único par nas cores preto e prata. Os pormenores da construção estão sugeridos no Apêndice.

Exercícios com as colunas

Também nesse caso, como acontece com os quadrantes e, aliás, com qualquer objeto do templo mágico, as colunas serão de escassa utilidade, mesmo que sejam muito bonitas e coloridas, até que comecemos a trabalhar com elas. Podemos fazer isso de três maneiras: primeiro, meditando sobre as colunas, individualmente, aumentando

nossa profundidade e amplitude de percepção do que elas representam; segundo, ficando parados entre as duas colunas, transformando nossa própria coluna vertebral e suas extensões imaginárias, além da cabeça e dos pés, numa terceira coluna, central; e, finalmente, visualizando as colunas como um pórtico de templo egípcio (é importante imaginar um dintel ligando as duas colunas), e atravessando-o devagar, elevando a percepção.

É melhor concluir os exercícios na primeira modalidade antes de passar para os da segunda e terceira. Por outro lado, quando o estudante assim desejar, poderá efetuar esses exercícios simultaneamente com os trabalhos nos quadrantes. Basta um pouco de imaginação para poder combinar os exercícios, e o estudante inteligente e perceptivo encontrará os meios para fazê-lo.

O primeiro exercício, as meditações sobre cada coluna, levará à compilação de longas listas de atribuições, e anotações de associações complexas de idéias. Será ótimo incluir meditações sobre a terceira e invisível coluna do meio, que, finalmente, será formada pelo próprio praticante. Ela representa a consciência e o caminho do meio entre opostos, simbolizados pelas duas colunas laterais. Os estudantes de Cabala encontrarão um farto simbolismo disponível nesse simples glifo.

Contrapartes imaginárias

O segundo exercício aborda essas realizações num nível mais prático. Coloque-se fisicamente entre a coluna preta e a coluna prateada, construindo suas contrapartes imaginárias dentro de sua própria aura e também formulando a coluna central em seu íntimo. A capacidade de reter essa imagem pode, em breve, provocar sensações de poder psíquico ou mágico; mais ainda em pessoas que estudam a Cabala e que costumam formular as esferas da Árvore da Vida nas três colunas. A prática de exercícios relativamente simples, mas de importância fundamental de respiração/mentalização, como o da técnica da fontanela (p. 55), também pode acelerar esse desenvolvimento.

Portão para um país oculto

O terceiro exercício, que inclui o movimento físico associado à visualização e receptividade subjetivas, é mais um exercício mágico ritual no sentido completo da expressão. Antes de começar, é importante estar "consciente": por exemplo, fazer uma preparação com alguns minutos de relaxamento, seguidos por alguns exercícios de respiração ritmada* com um pouco de meditação. Em seguida, aproxime-se o mais lentamente possível das colunas, como se você esti-

* Ver Tondriau e Réal, *Manual prático de ioga*, da Hemus Editora.

vesse se aproximando do portão desconhecido para um país oculto — o que você realmente está fazendo. Perceba intensamente as duas colunas e o dintel superior enquanto você os atravessa, e sinta a mudança de consciência que se opera em você.

Pare um pouco além das colunas e depois dê um passo atrás, voltando a atravessar, percebendo as mudanças mais uma vez, e voltando ao seu estado de consciência normal. A prática paciente e a vontade de “se apressar devagar” conseguirão os melhores resultados. Esse exercício simples, bem executado, pode proporcionar resultados de grande alcance e pode até se desenvolver como uma técnica para uma completa projeção astral.

Neste último exercício, pode ser útil formular um “guardião da entrada” e uma “senha”, que será pronunciada silenciosamente, ou talvez, um sinal visual. Ao pronunciar a senha, ele abrirá o portal para você, dando-lhe guia e proteção no outro lado. A senha ou o sinal servem para a sua segurança pessoal. Ao se produzir a associação de idéias, evitam que sua mente seja inundada com material psíquico espontâneo ou inconsciente no momento inoportuno de sua vida cotidiana. A prática habitual de utilizar esse estratagema todas as vezes que você tenta elevar a percepção confere-lhe um controle automático embutido em sua mente consciente, eliminando qualquer interferência de outras entidades e outros planos.

Altar: foco da percepção

O outro item principal da mobília do templo é o altar, e representa o ponto focal da percepção do templo ou círculo. Pode ter várias formas, mas a mais tradicional é a de um armário, tipo guarda-louças, quadrangular, de altura igual ao dobro da largura ou profundidade. A forma ideal é a de um cubo duplo, ou dois cubos sobrepostos, e sua altura terá aproximadamente um metro (três pés). Em geral, sua cor é preta, com um pano branco na superfície superior. Às vezes, há também um pano inferior, que poderá ser preto ou da cor apropriada para o trabalho em questão, com uma borla em cada canto, representando os quadrantes.

É tradição (e também é conveniente) guardar todos os objetos menores do ritual no interior do armário do altar — as armas mágicas, o turíbulo, o incenso, as lamparinas, os rituais, os símbolos para meditação, os quadros, etc.

A superfície do altar deve estar livre de qualquer objeto no começo e no fim dos trabalhos e, durante os mesmos, pode acomodar apenas os objetos que servem para esse trabalho ou para a meditação. Isso está em conformidade com sua função como foco da atenção no círculo.

Normalmente a posição do altar é no centro do círculo, quando o templo não está sendo utilizado ou durante trabalhos gerais. Durante

rituais que se referem a um determinado quadrante, o altar pode ser colocado nesse quadrante. Citamos como exemplos principais destes ritos os que se celebram durante as diferentes festividades sazonais; leste, para o equinócio de primavera; sul, para o solstício de verão; oeste, para o equinócio de outono; e norte, para o solstício de inverno.

Alguns magos preferem ficar no centro, formando um altar ou ponto focal; nesses casos, o altar ficará a leste, porque, sendo esse o quadrante no qual nasce o Sol, é a direção de maior luz simbólica.

Posição das colunas

As colunas têm, em geral, uma posição relativa ao altar, e as preferências podem variar. Alguns situam o altar diante das colunas, como um símbolo de sacrifício antes de penetrar nos planos mais elevados. Essa disposição é apropriada sobretudo nas cerimônias de iniciação, quando o postulante é iniciado pela primeira vez nos mistérios mágicos.

Uma outra maneira consiste em colocar as colunas em cada lado do altar, de forma a situar-se diretamente entre estas. Assim, conferimos ênfase ao perfeito equilíbrio de forças aplicadas a qualquer coisa que se encontre sobre o altar, sendo essa a colocação mais apropriada para consagrar talismãs, sacramentos ou outros símbolos.

A terceira maneira consiste em colocar as colunas nos dois lados do altar, um pouco mais em frente, de forma que o mago, quando se encontra diante do altar, está entre as duas colunas. Esse método é especialmente indicado para despertar a percepção.

Poderíamos escrever muito mais sobre os pormenores das diferentes posições da mobília ritual, porém é mais apropriado que cada estudante efetue suas próprias experiências e descubra a maneira mais favorável de funcionamento. Esse é o treinamento ocultista realmente precioso, posto que a leitura de livros a respeito constitui uma forma inadequada de aprendizagem; um livro só pode indicar as linhas gerais e elementares de um princípio, e oferecer algumas indicações para uma possível e frutífera investigação pessoal.

4/ A vestimenta

Da mesma maneira que um templo mágico é mais impressionante que um círculo mágico temporário, pois proporciona a possibilidade de se colocarem as cortinas permanentemente, nas cores apropriadas, em cada quadrante, também poderá ser mais sugestivo se o estudante de magia tiver uma vestimenta especial para utilizar durante o trabalho.

O conjunto completo inclui: a túnica, o manto externo, sandálias, a cobertura para a cabeça, a faixa, a salva e o anel.

A peça principal é a túnica, que, em geral, é preta para os iniciados comuns e dourada para os adeptos. O significado desses termos é o seguinte: um adepto é alguém capaz de formar seus próprios contatos com os representantes da hierarquia planetária, enquanto que um iniciado não sabe fazê-lo e depende de um adepto para ser guiado no sentido de estabelecer tais contatos. A túnica é uma peça simples, comprida até os tornozelos, com mangas compridas e largas. Algumas pessoas vestem batinas, o que é uma vantagem, pois podem ser compradas prontas; o inconveniente é que só existem pretas. A túnica é uma veste que cobre desde o pescoço até os pés.

A faixa é, em geral, de corda branca com uma borla em cada extremidade. É uma peça importante do ponto de vista ritual, porque, entre outras coisas, representa o círculo mágico individual. Durante a iniciação, a faixa é colocada no pescoço do postulante como um cabresto, e ele só receberá autorização de colocar a faixa na cintura quando for aceito como iniciado dentro do grupo em questão.

As sandálias também são importantes, pois representam a habilidade de andar em planos além do físico. Jamais devem ser usados sapatos comuns num templo ou sobre o pano com o círculo mágico. Durante a prática, usam-se chinelos, com meias da mesma cor, em lugar de sandálias abertas. A cor pode ser vermelha (para adeptos, simbolizando os poderes mágicos) ou preta (para iniciados).

Uma vantagem psicológica

Ficar apenas com as roupas de baixo é uma vantagem psicológica, mas nem sempre isso é conveniente. Entretanto, quando os homens continuam com suas calças e camisas sob a vestimenta mágica, os colarinhos deveriam ser dobrados para dentro, eliminando-se as gravatas, e as pernas das calças deveriam ser enfiadas nas meias, ou

presas de alguma outra maneira, pois não existe nada mais amadorístico do que colarinhos saindo da gola da vestimenta, e calças aparecendo por sob a túnica e sobre os chinelos. Devem ser tirados também os adornos metálicos como relógios de pulso, anéis, pulseiras, brincos, etc.; o uso da aliança é permitido. Existe ainda a tradição de jamais se levar dinheiro para o interior do templo.

A nudez durante os ritos não é uma tradição mágica, pois não tem qualquer vantagem e, sim, muitas desvantagens — como, aliás, algumas seitas pagãs e até mesmo antigos cristãos tiveram de descobrir por sua própria experiência.

O manto

O manto externo é opcional, embora nos grupos rituais muitas vezes se considere um emblema do cargo; o manto é um atributo do cargo, mais do que uma peça utilizada permanentemente por um indivíduo. Por exemplo, se um grupo celebra um ritual importante que exige oficiais do leste, do sul, do oeste e do norte, haverá uma vestimenta amarela, uma vermelha, uma azul e uma verde à disposição de cada oficial. Por outro lado, o oficiante pode usar uma vestimenta de cor diferente, conforme a natureza do rito.

Entretanto, os mantos são caros e de feitiço difícil, pois exigem um material pesado, de boa qualidade e, em geral, têm símbolos bordados nas costas. Vale a pena, entretanto, tentar a confecção de um manto, porque usar um traz grandes vantagens psicológicas, e a cor e o feitiço podem ser de sua escolha pessoal. Normalmente os mantos têm uma gola alta, ou um capuz, que pode ser puxado sobre a cabeça para meditar ou em períodos de inatividade exterior.

Evidentemente, nas regiões de clima quente, um manto pode vir a ser mais incômodo que útil. Nas regiões frias, ou para trabalhos ao ar livre, pode-se recorrer a uma adaptação vantajosa, utilizando-se uma japona com capuz, cuja aparência é completamente normal para observadores de passagem, mas que deverá ser utilizada apenas para trabalhos mágicos. O significado da japona só é conhecido por quem a usa. Essas peças de vestuário são muito úteis para as pessoas que desejam trabalhar ao ar livre, em locais especiais e magnéticos, e o princípio destaca especialmente o fato de que apenas o uso exclusivo e dedicado confere o poder ao vestuário mágico, e não seu modelo ou aparência estranha.

Uma faca, uma vara, um frasco de água e um compasso são as quatro armas mágicas e, com um pouco de imaginação criativa nesse sentido, é possível enveredar por uma investigação muito satisfatória dos pontos e das linhas de força de uma determinada região.

A cobertura ritual para a cabeça pode variar bastante. Pode-se usar uma fita ou faixa simples, entretanto o melhor e o mais prático

é o *nemyss**, cuja confecção é muito fácil (veja no Apêndice). Pode ser de qualquer cor e normalmente tem a mesma cor da vestimenta. Às vezes é completado por um véu. Alguns preferem não usar uma cobertura para a cabeça.

A salva

A salva indica o tipo de trabalho que você está efetuando. É apenas uma espécie de insígnia, presa numa fita ao redor do pescoço e suspensa à altura do coração, feita de metal ou de pergaminho. Pode ostentar o nome mágico, ou as aspirações do mago, ou o símbolo do grupo no qual este trabalha. Portanto, pode ser, por exemplo, um tipo de rosa-cruz. Os desenhos podem variar, mas, em geral, de acordo com a idéia de que os dois lados da salva representam, num certo sentido, as duas colunas; mas, num sentido individual, pode-se pensar na salva como um altar pessoal, na faixa como um círculo individual, e a cobertura para a cabeça, a vestimenta e as sandálias como o teto, as paredes e o chão do templo individual.

Como representa uma intenção pessoal, o desenho deve ser decidido pessoalmente, e não é necessário insistirmos em outros detalhes. Alguns ritualistas costumam usar uma estola ao invés da salva, ou então junto com esta. Basicamente, a estola é uma fita, de razoável largura, que, passando por trás da nuca, fica com as duas extremidades soltas sobre o peito do mago. Às vezes, essas extremidades são enfiadas na faixa.

O anel

Finalmente, o anel representa a vontade do mago, sendo colocado no dedo indicador da mão direita (quando o mago é destro). Assim, de certa forma, tem as mesmas funções da vara, e alguns magos dispensam seu uso. Entretanto, é um objeto útil porque, como todas as varas empregadas são apenas substitutas de uma vara secreta, como já foi explicado, o uso do anel pode ser considerado uma espécie de mandato do dedo que se apóia na vara substituta, indicando o verdadeiro poder oculto que representa. Tal como a vara efetiva, o anel pode ter desenho e cor pessoais, e os mais impressionantes são confeccionados com broches soldados sobre anéis simples.

Não é necessário que o anel tenha grande valor, pois os fatores importantes são a intenção e a dedicação e, assim como em todos os trabalhos mágicos, torna-se necessário encontrar um equilíbrio entre a sovinnice e o extravagante desperdício. Isso é demonstrado pela tradição das verdadeiras bruxas, dos tempos antigos, que, não podendo adquirir objetos caros, conseguiam transformar simples artigos domésticos, como facas, vassouras e caldeirões, em poderosos instrumentos das artes mágicas.

* Touca do tipo daquela usada pelos egípcios. (N. do R.)

5/ O ritual

Um ritual é a seqüência de palavras e de atos que interliga e mantém tudo o que foi mencionado e considerado até este ponto. Talvez, aliás, fosse oportuno explicar que existe uma diferença entre um ritual mágico e um ritual religioso, sendo tal diferença tão radical como a que existe entre um ritual religioso e, por exemplo, um rito cívico ou social (a procissão de dignatários ou a revista de cerimônia).

O ritual religioso é a execução de uma seqüência fixa de atos, e essa seqüência já é considerada um ato com validade de sacramento, uma renovação da aliança entre Deus e os homens. Para isso é suficiente a presença de um sacerdote devidamente consagrado, e a atitude mental ou a experiência interior dos que assistem não se reveste de qualquer importância — a não ser como uma consideração secundária.

O próprio sacerdote pode se encontrar em estado de pecado mortal e se desinteressar completamente do que está executando, mas, pela força de seu ofício e de seus atos, o rito ainda assim é considerado válido.

No ritual mágico, entretanto, tudo depende do estado mental dos oficiantes e, a não ser que estejam bem treinados nas técnicas da concentração e da visualização criativa, o trabalho será inevitavelmente um fracasso. O propósito principal do ritual oculto, de fato, é de auxiliar a concentração e a visualização. Se fosse possível conseguir uma concentração e um controle consciente por outros meios, não haveria qualquer necessidade de utilizar o ritual mágico.

Existe, todavia, aquela qualidade indefinível e imprevisível, a graça de Deus, que representa o poder e o significado do ritual religioso, e que devia também ser o sustento do ritual mágico, projetando-o para mais um plano de maior acepção e realidade. Nesse ponto, realmente *há* uma conexão entre o ritual mágico e o religioso, mas um não pode ser considerado o substituto do outro, como freqüentemente ouvimos afirmar — e, ainda, em termos de condescendente menosprezo!

Uma simples fórmula de cerimonial

Para mostrar de que maneira os diferentes fatores da magia ritual se reúnem num rito, vamos apresentar agora uma simples fórmula de cerimonial, com os comentários referentes aos vários estágios. Vamos fazer isso da maneira mais direta possível, com o mínimo possível

de objetos, de maneira que o estudante possa, se assim desejar, começar a praticar sem maior demora.

Vamos supor que o altar se encontre no centro, ladeado pelas colunas, com a coluna prateada à direita e a coluna preta à esquerda, quando olhamos para leste a partir do quadrante ocidental. As colunas poderão ser imaginadas, quando isso for necessário, mas é imprescindível ter-se uma pequena mesa que represente o altar (que pode ter qualquer forma ou tamanho, nessa fase de primeiras experiências), de preferência coberta com um pano branco recém-lavado. Os quatro quadrantes podem ser marcados com quatro cadeiras, viradas para dentro. Esse é o alicerce de um templo mágico, que servirá de jardim de infância ritual, e que pode ser organizado praticamente em qualquer moradia.

O templo mágico pode ser elaborado de acordo com as circunstâncias e preferências individuais. Uma considerável parte da aprendizagem mágica é uma seqüela de tentativas e erros em construir, modificar e remodelar seu círculo ritual e os objetos até que, com muita persistência e paciente dedicação, chega-se a ter um templo de verdade, permanente, num local reservado — que poderá ser apenas individual ou partilhado por um grupo.

O processo de crescimento

O mesmo processo de crescimento se verificará no que se refere ao desenvolvimento dos rituais empregados, e essa é mais uma faceta da aprendizagem do ritual mágico. Por exemplo, a partir do simples ato de acender uma vela oriental para indicar que os “poderes” do leste estão atuando no templo, você poderá eventualmente progredir até ter uma espada cerimonial, que será desembainhada no leste e transportada através do templo para ser colocada sobre o altar. Ou, por falar em acender, você pode começar com o incenso pelo método mais simples e fácil, queimando uma varetinha do mesmo (tipo hindu) comprada numa loja.

A partir disso você pode passar à construção de um simples queimador de incenso (turíbulo), feito de um vaso de barro com areia, colocado sobre um ladrilho, no qual se poderá usar um pedaço de carvão (do tipo que se acende mesmo seco ou do tipo mais comum, que precisa ser umedecido com álcool) e, sobre este, colocar um incenso mais fino.

Com o tempo você poderá conseguir seu próprio turíbulo, apropriado para os rituais complexos de purificação e dedicação de objetos e pessoas, junto com uma seleção de incensos adequados para as diferentes estações e ocasiões. No que diz respeito ao vestuário, você pode começar com uma roupa comum, até um avental, que reservará para essa finalidade, até conseguir eventualmente (com muita paciência e uma máquina de costura) possuir uma série de

vestimentas enfeitadas, mantos e outros adornos menores.

A forma mais simples de equipamento para o ritual pode parecer primitiva, e até ridícula. Entretanto o estudante que aproveita da melhor maneira os poucos recursos à sua disposição provavelmente progredirá de maneira muito mais satisfatória que o estudante rico, que pode encomendar um templo sob medida, com todos os pertences, apenas assinando um cheque.

Muito depende da habilidade, do trabalho persistente e da fé, fatores necessários para se construir um templo mágico. Para citar um exemplo, o estudante que é capaz de acender um simples fósforo e, através desse meio banal, evocar a presença do poderoso arcanjo Miguel, é de fato um mago. O estudante que não tem essa facilidade, dificilmente poderá consegui-la apenas porque possui os recursos para comprar ou mandar fazer uma impressionante vara do poder, que se ilumina nas pontas ou lança faíscas ao se comprimir um botão escondido. Esta realmente poderia ser uma arma impressionante nas mãos de qualquer estudante, mas, por si, não possui um valor mágico intrínseco maior do que um fósforo. O estudante de magia, paradoxalmente, desenvolve utensílios ainda mais complexos e impressionantes para a sua profissão, apenas para operar ainda melhor sem eles. Mas a palavra-chave, nesse caso, é o *desenvolvimento*, e não apenas o fato de possuir os objetos.

Preliminares

Em sua capacidade de acólito do templo, prepare primeiro o círculo conforme os requisitos. No sentido mais restrito da palavra, o ritual já começou, e isso deveria ser feito de maneira calma, dedicada e eficiente. Para isso, não precisamos de vestimenta, mas você deve tirar seus sapatos e andar apenas de meias, para indicar que você está preparando uma "via interior".

Depois de estabelecer o círculo, chega a hora de se vestir. Isso não deve acontecer de forma descuidada ou pouco decorosa, mas lentamente, com calma e com intenção. Enquanto você veste a peça principal, a vestimenta, sinta também que está vestindo uma nova personalidade "mágica", e os sentimentos, pensamentos e preocupações do cotidiano desaparecerão imediatamente. Calçando os chinelos, compreenda que agora é capaz de trilhar os caminhos "interiores". Ao colocar a cobertura na cabeça, entre em contato com seu eu espiritual, e sua mente se ajustará para o conhecimento intuitivo. Ao colocar a faixa, você assume sua proteção e integridade, e percebe que é parte de uma fileira enorme de iniciados no tempo e no espaço. Com o anel, você estabelece contato com sua vontade espiritual, e com a salva ou a estola e a capa, manifesta a intenção específica do trabalho a fazer.

Já paramentado, você poderá ficar de pé ou sentado durante

alguns minutos no oeste e, depois de alguns simples exercícios de respiração e de relaxamento, como para uma meditação normal, visualize o templo como você queria que fosse, em forma ideal, talvez com colunas de mármore e altos tronos, ou, quem sabe, ao ar livre, numa região bucólica inspiradora. Qualquer que seja a imagem de sua escolha, ela deverá ser repetida cada vez, para desenvolver as tensões apropriadas no plano astral. Assim, os trabalhos seguintes serão mais fáceis e mais poderosos.

Esse período de indução é, ao mesmo tempo, uma composição de disposição espiritual e uma composição de lugar e, nos trabalhos em grupo, costuma-se freqüentemente ler uma passagem de prosa descritiva para auxiliar a visualização. Algumas pessoas se valem de música previamente gravada ou descrições gravadas. Tudo isso é opcional: como em todas as fases da cerimônia, o que realmente importa é o trabalho interior.

As circunvagões

O propósito da circunvagão é conseguir, no começo, uma pequena parcela de poder. Vá até o quadrante oriental e, a partir desse ponto, caminhe três vezes ao redor do templo, no sentido dos ponteiros do relógio. Num trabalho de grupo, no qual há, obviamente, uma maior disponibilidade espontânea de poder psíquico, essa caminhada pode representar uma experiência memorável, pois muitas vezes nos proporciona a sensação de estarmos vadeando águas fundas, a ponto de nos parecer difícil conseguir manter o equilíbrio físico.

Cada uma das três circunvagões representa uma dimensão diferente de percepção interior (simbolizada pelas três dimensões físicas) e, enquanto você anda, visualize, durante a primeira volta, um alo de luz à sua volta. Durante a segunda circunvagão, você deve visualizar um outro alo de luz que, partindo do sul e subindo por sobre as colunas, desce, atravessando o norte, para subir mais uma vez em sul. E, na terceira, um alo de luz que, subindo do oeste, desce atravessando o leste e, passando sob o templo, volta a subir no oeste.

Assim, você construiu uma esfera tridimensional, cujo ponto central é o centro da superfície do altar, ou você mesmo, caso se encontre no lugar do altar.

Uma alternativa mais simples desse método é concentrar-se no ciclo do tempo e da vida enquanto você dá sua volta. Nesse caso, você passa pelo nascimento físico no sul, alcança o nadir da vida física no oeste, passa pela morte física no norte e alcança o zênite da vida interior no leste, volta mais uma vez a nascer no sul, e assim por diante. Esse método pode proporcionar um efeito interior realmente poderoso.

Existe um método mais simples ainda, que consiste em se imagi-

nar subindo por uma escada em caracol, de forma que você termina num "andar" de percepção mais elevado em relação ao que você começou.

A cruz cabalística

Ao terminar as três circunvações místicas, vire-se para leste no quadrante oriental e persigne-se com a cruz cabalística, para estabilizar a aura. Diga e proceda assim:

"Em Tuas mãos (*com o dedo indicador e médio esticados toque o alto da sua testa*)

está o reino (*toque o plexo solar*)

o poder (*toque o ombro direito*)

e a glória (*toque o ombro esquerdo*)

para toda a eternidade, amém (*junte as mãos sobre o peito*)".

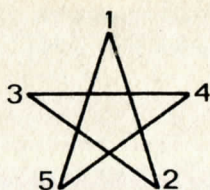
A visualização que acompanha a cruz cabalística consiste em visualizar e sentir uma luz branca e brilhante que desce das alturas e atravessa sua cabeça, chegando aos pés, e prossegue até o centro da Terra, e depois um feixe de luz igual, de um ombro ao outro, chegando até os horizontes. Alguns, antes de começar, imaginam assumir proporções enormes. Outros pronunciam as palavras em hebraico, o tradicional idioma mágico e, nesse caso, dizem: "*Ateh/Malkuth/Ve Geburah/Ve Gedulah/Leolahm Amen*".

Para o estudante, é interessante experimentar todas essas diferentes formas, e também as que pode ter lido ou ouvido em outros lugares, para melhor desenvolver sua aproximação e técnica pessoais.

Ritual de abertura do pentagrama

Tradicionalmente se utiliza um pentagrama, ou estrela de cinco pontas, como lacre astral em cada quadrante, embora existam outros sinais de igual eficácia que poderiam ser empregados com a mesma finalidade, como a cruz num círculo, ou uma rosa-cruz. Nesse contexto, o número cinco é um símbolo importante pois representa o espírito que domina os quatro elementos (o domínio do homem espiritual sobre o homem animal). Os símbolos, como tais, não terão muito valor intrínseco sem a fé e a realização, a não ser que você tenha ligações solidamente formuladas com um grupo ocultista externo ou interno.

Existem muitas maneiras de desenhar um pentagrama, conforme as diferentes exigências do simbolismo mágico. O método normal de se traçar o pentagrama no ar durante a abertura é o seguinte: com os dedos indicador e médio apontados e o braço estendido, percorra a seqüência 1-2-3-4-5-1. Evidentemente os números aqui servem apenas para indicar a seqüência. Por outro lado, observe que uma das pontas (no caso, a número 1), fique *sempre* voltada para cima.



A seguir, aponte para o centro da figura e vibre o nome divino apropriado.

Quando estiver apenas abrindo um templo ou círculo regular, imagine que os pentagramas se formam no espaço logo além de cada quadrante, desenhados em luz dourada. Quando estiver limpando um aposento de influências indesejáveis, projete o pentagrama a partir de sua própria testa, empurrando-o através do espaço até sua posição perto do quadrante, ou logo além das paredes físicas do aposento.

Ao vibrar o nome divino, visualize o nome em luz dourada ou, como já sugerimos, um aspecto da vida do Cristo, que é uma forma mais moderna, eficaz e, ao mesmo tempo, fundamentada na tradição. Os devotos não-cristãos desenvolverão seus próprios métodos de visualizações. Os agnósticos e desinteressados em geral devem se abster dessas práticas, pelo menos até que tenha adquirido mais sabedoria através de métodos que não sejam, como esse, potencialmente explosivos.

Depois de vibrar o nome divino, vire-se lentamente para o quadrante seguinte, mantendo o braço e os dedos esticados e visualizando, simultaneamente, uma linha luminosa, na mesma cor dourada, até apontar diretamente para o quadrante seguinte; desenhe então o pentagrama. Portanto, vibrando os nomes *Ihvh*, *Adni*, *Ahiah* e *Agla*, trace pentagramas a leste, sul, oeste e norte e, no fim, complete o círculo de luz dourada até o leste.

Todo esse processo não serve para expulsar da área demônios e outras formas monstruosas de outros planos de existência, como se acredita em geral, mas apenas para preparar uma área de trabalho, exatamente como uma dona-de-casa abriria espaço sobre a mesa antes de começar a preparar a massa para um bolo ou pão. Em termos técnicos ocultistas, trata-se apenas da utilização da lei de limitação. Não podemos atingir todo o Universo, mas podemos controlar um pequeno setor deste e, quando a parte se baseia e relaciona com o todo, podem se verificar resultados deveras surpreendentes.

Os arcanjos dos portões

Agora, ficando no leste e de frente para ele, com os braços esticados horizontalmente para fora, em forma de cruz, pronuncie

vibrando:

“A leste, Rafael”, ou “Diante de mim, Rafael”;
“A oeste, Gabriel”, ou “Atrás de mim, Gabriel”;
“Ao sul, Miguel”, ou “À minha direita, Miguel”;
“Ao norte, Ariel”, ou “À minha esquerda, Ariel”.

A cada vibração, procede-se à visualização, na forma já descrita. Tente sentir suas presenças com todas as forças de seu ser. Note também que a ordem de formulação é transversal, para enfatizar a polaridade dos elementos sob o comando de cada arcanjo.

Esse desenvolvimento dos quadrantes pode ser muito mais elaborado. Por exemplo, pode incluir invocações aos arcanjos, descrevendo suas atribuições e assim por diante, ou chamadas e invocações aos reis elementais (Paralda, Djinn, Nixsa e Ghob a leste, sul, oeste e norte, respectivamente) bem como às entidades elementais a eles relacionadas (os silfos, do ar; as salamandras, do fogo; as ondinas, da água; e os gnomos, da terra). Um rei elemental é um elemental perfeito, e devia ser sempre invocado junto com o arcanjo antes de começar qualquer trabalho com poderes elementais comuns.

Ao invés de permanecer apenas com os braços abertos, podem ser executadas ações simbólicas. Assim, você pode acender uma vela ou uma lanterna de cor apropriada em cada quadrante, no momento da abertura. Ou você pode apanhar uma vela no quadrante e levá-la até o altar. Ou você pode ter as armas mágicas colocadas em cada quadrante, e trazê-las até o altar central, colocando, possivelmente, as passivas (a taça e o pantáculo) sobre o altar, e as ativas (a vara e a espada) nas colunas preta e prateada (nesse caso, não se esqueça de colocar previamente os ganchos ou pregos necessários nas mesmas!) Os estudantes de Cabala reconhecerão que este último simbolismo se identifica com o simbolismo de Hesed e Geburah, as esferas centrais de cada coluna na Árvore da Vida.

Conclusão da abertura

Em seguida, vibram-se afirmações conclusivas do seguinte teor:

“Ao meu redor, chamejam os pentagramas;
Atrás de mim, brilha a estrela de seis pontas;
E acima de minha cabeça está a glória de Deus, em cujas mãos
estão o reino, o poder e a glória,
Para toda a eternidade, amém”.

(Repetir a cruz cabalística.)

A estrela de seis pontas se refere ao estado ideal de percepção do adepto, cujo triângulo que aponta para baixo representa o eu superior perfeitamente integrado com o triângulo que aponta para cima, e que representa o eu inferior. Pode ser visualizado como estando

atrás de você, com a ponta inferior na base da coluna vertebral e a ponta superior atrás do topo da cabeça. Trata-se de um símbolo prático muito importante, que aparece na magia prática em muitos contextos. Pode também aparecer sobre o pano do círculo mágico, ou no círculo mágico quando este está pintado no chão, e os magos cabalistas costumam freqüentemente se valer da estrela como uma forma circular da Árvore da Vida.

Defumação

Depois de abrir o templo, antes do propósito principal do rito, podemos defumar com incenso, que costuma ficar no quadrante meridional (fogo), ou pode ser guardado entre o sul e o leste (ar e fogo). Como já explicamos, pode ser apenas uma simples vareta de incenso, ou um queimador improvisado; entretanto, se você dispõe de um verdadeiro turíbulo, você poderá saudar os quadrantes e também defumar os símbolos principais, especialmente o altar e as colunas.

Invocação do Grande Mestre

Pode ter a forma de uma invocação escrita de um determinado cumprimento, ou pode ser apenas a vibração do nome do Grande Mestre, seguido de um período de meditação e visualização deste. A identidade do Grande Mestre é um dos segredos da loja ou do templo, que não deve ser revelado a estranhos. É uma figura mitológica, ou bíblica, ou lendária, que pode ser representativa das aspirações e intenções gerais dos trabalhos contínuos do templo. Como exemplos, podemos citar Osíris, Hermes, Cheiron, Moisés, Daniel, Salomão, e assim por diante. Pode ser também uma figura feminina, como, por exemplo, Ísis, Palas Atena, Arianrod.

O propósito subjetivo é desenvolver um fortíssimo contato pessoal com o Grande Mestre, e esta pode ser uma experiência muito emocionante.

Declaração de propósitos

Efetuada o contato com o Grande Mestre, pode-se pronunciar uma declaração simples, virando e olhando para oeste:

“Eu declaro este templo aberto nos mistérios de (*nome do Grande Mestre*);

A senha será.;

E a saudação será o sinal de.”.

A senha é uma sentença ou um lema que resume a tendência geral dos trabalhos num determinado período, e pode ser mudada a cada ano, a cada trimestre ou a intervalos regulares. Exemplos de senhas podem ser: “Homem, conhece-te”, “*Amor vincit omnia*”, “Afie a

espada”, “Recinto de Mérlin” e “Eu tenho a luz”, etc. A saudação pode concordar com a senha, sendo um gesto estilizado no mesmo sentido, como, talvez, a atitude do lâmina IX do Tarô, “O eremita”. Nas grandes lojas, o sinal pode sugerir o grau dos trabalhos e pode ser um sinal de Hórus (com o dedo nos lábios), e assim por diante. O propósito é servir como uma “chave” da percepção. Apenas depois de utilizar a palavra e o sinal, você abre sua percepção para novos contatos interiores. São, portanto, salvaguardas pessoais, e não misteriosos segredinhos românticos.

A abertura termina com uma declaração dos propósitos da cerimônia:

“Hoje nosso trabalho será seguir o trigésimo segundo caminho”;
ou “... a celebração do equinócio de primavera”;
ou “... efetuar uma invocação dirigida à mãe Terra”;
ou qualquer outra coisa.

Até que você consiga alcançar uma considerável experiência nas fórmulas normais de abertura e fechamento, será preferível executar o trabalho apenas na forma de meditação sobre um determinado assunto. Portanto o ritual descrito funciona como preparação para a meditação, e o estudante pode começar a fazer uma comparação entre a meditação efetuada nesse contexto, e como se diferencia, em qualidade e profundidade, de uma meditação efetuada sem essas preliminares.

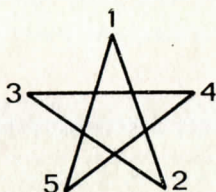
O fechamento

Depois de efetuar o trabalho estabelecido, poderemos fechar o templo, procedendo aproximadamente da seguinte maneira:

“Vamos fechar o templo. Agradecemos a (*Grande Mestre*), cuja sabedoria nos assistiu e cujo poder nos protegeu”.

Pode se dizer isso de pé, a leste, olhando-se para o oeste. Provavelmente, o trabalho principal foi executado em posição sentada no oeste, olhando-se para o leste.

Agora, vire-se olhando para o quadrante oriental e execute a cruz cabalística, depois o ritual do pentagrama de fechamento, que é o mesmo da abertura, só que a seqüência dos movimentos agora é 5-1-2-3-4-5:



Os nomes divinos são vibrados como antes.

Em seguida, invocam-se os arcanjos, só que agora visualizados olhando para fora, em vez de para dentro. Quaisquer outras entidades invocadas ou saudadas na abertura devem ser agradecidas e abençoadas, pedindo-se educadamente que se afastem, e todos os símbolos colocados para fora durante a abertura devem ser recolocados nas suas posições originais.

Finalmente, repetem-se as afirmações a respeito dos pentagramas e da estrela de seis pontas, e volta-se a executar a cruz cabalística.

Enquanto isso acontece, você deve perceber que o poder gerado durante o trabalho principal está se dissipando e sua própria percepção está voltando ao normal.

Por fim, faça as três circunvagações místicas invertidas, caminhando em sentido contrário aos ponteiros do relógio, e finalize batendo com força o pé no chão (isso deve dispersar quaisquer resíduos de energias psíquicas).

Agora você pode se despir, no oeste ou norte, com calma e dignidade. A mobília ritual será guardada com calma, ou poderá ficar onde está, até que você termine de registrar suas impressões sobre o trabalho no seu diário de magia.

6/ O ano ritual

Um elemento importante num templo mágico efetivo é a constância nos trabalhos com ele. Isso é importante por dois motivos. Primeiro, a prática constante, como em qualquer outra disciplina, aperfeiçoa sua própria técnica através da experiência. Segundo, garante que os símbolos e a atmosfera do local permaneçam com sua energia psíquica. Tal como a bateria de um automóvel, os objetos simbólicos (que, de fato, são acumuladores de energia psíquicos) podem se descarregar quando o templo não é utilizado. Portanto, a utilização regular propicia um trabalho mais fácil e eficiente.

Da mesma forma, é útil ter-se um calendário anotado para ritos sazonais durante o ano. Esse calendário normalmente deve basear-se no ciclo solar de equinócios e solstícios. Os movimentos da Terra em relação ao Sol durante o ano resultam em duas datas nas quais os dias e as noites têm igual duração: são os equinócios da primavera e do outono, que, no hemisfério austral caem, respectivamente, em 21/23 de setembro e 21/23 de março.

São esses os dois acontecimentos principais do ano ritual e, com seu simbolismo de equilíbrio de forças, não deveriam passar despercebidos. Pertencem aos quadrantes oriental e ocidental do templo. O equinócio da primavera, especialmente, é a celebração da renovação de todas as coisas, enquanto que o equinócio de outono é a celebração de um encerramento frutífero. Correspondem, respectivamente, à Páscoa e à Ação de Graças para as colheitas do ano cristão.

Os solstícios de verão e de inverno

De importância parecida são os dias, nos outros trimestres, correspondentes aos solstícios de verão e de inverno, que ocorrem, respectivamente, em 21/23 de dezembro e 21/23 de junho (no hemisfério austral). O solstício de verão, correspondente ao quadrante meridional, é a celebração da proliferação da vida no meio do verão, da plenitude paradisíaca; já o solstício de inverno, correspondente ao quadrante setentrional, é a celebração da semente de novas vidas que germinam na escuridão e do eventual triunfo da luz, enquanto os dias começam a se alongar, e as noites a encurtar.

Note que, para a observância dessas datas, não há necessidade de uma estrita exatidão astronômica e, do aspecto prático, qualquer dia uma semana antes da data pode ser considerado apropriado, especialmente se coincide com a Lua crescente, que ajuda a gerar

uma atmosfera psíquica mais positiva.

Quando o calendário gregoriano substituiu o calendário juliano, as datas de todas as festividades mudaram; alguns foram mantidos nas datas antigas, e outros foram transferidos para novas datas. Por conseguinte, embora no hemisfério setentrional o solstício de verão caia em 21/23 de junho, o antigo “dia de meio-verão” ainda é celebrado, em alguns lugares, em 5 de julho. De um ponto de vista prático, parece preferível utilizar o calendário atual como base de nossos programas, porém considerar como importante qualquer costume tradicional que ocorra na quinzena depois da data moderna.

Além dos principais dias trimestrais, as pessoas que têm um sentimento especial para as festas e costumes antigos podem também celebrar os “dias trimestrais cruzados”, que caem entre os dias trimestrais. Por conseguinte, os dias 2 de fevereiro, 1º de maio, 2 de agosto e 1º de novembro também são importantes. Repetimos mais uma vez que todos os costumes antigos celebrados nos dias 15 de cada mês ou próximos deles são importantes para essas datas modernas e, como acontece com os principais dias trimestrais, a data pode ser festejada dentro de um período de três dias. Por exemplo, o 31 de outubro é uma data importante por abranger o Dia de Todos os Santos (ou Finados), em 2 de novembro.

Essas datas festivas antigas são uma combinação de elementos cristãos e pagãos. O dia 2 de fevereiro, por exemplo, é a Festa da Purificação da Virgem Maria, quando ela apresentou o Cristo infante no templo; essa festa foi enxertada no antigo Festival de Luzes, associada com a deusa Ísis, e com o festival romano chamado Lupercália*.

A Festa da Assunção

Da mesma forma, o 2 de agosto é a Festa da Assunção da Virgem Maria. Esse é um dogma católico relativamente recente, mas a festa coincide com um outro muito antigo festival de Ísis, associado às cheias do Rio Nilo, o “rio da vida” no antigo Egito, e que era anunciado pelo surgimento de Sírius, a estrela da constelação do Cão Maior, o “abridor de caminhos”, e também dedicado especialmente a Ísis. Vale a pena considerar como a Virgem Maria também é uma “abridora de caminhos”, porque essas celebrações, nas mesmas datas, são mais do que uma simples coincidência.

O 1º de maio, ou Festa da Primavera (no hemisfério setentrional), é o conhecido festival de danças ao redor do mastro enfeitado, com a procissão da rainha da primavera; realmente, é o festival das fadas e da fertilidade. O festival de novembro, como dissemos acima, é um festival duplo, pois inclui o Dia dos Mortos e o Dia de Todos os

* Lembremos também que, nessa data, os umbandistas comemoram, no Brasil, a Festa de Iemanjá, entidade feminina das águas. (N. do R.)

Santos, quando, conforme a tradição, todas as almas do purgatório podem perambular pela Terra; na Inglaterra, foi-lhe enxertada a noite de Guy Fawkes, com fogueiras e fogos de artifício.

Uma modificação da planta básica de nosso templo ou círculo mágico pode servir como calendário das principais cerimônias do ano.

CALENDÁRIO DAS PRINCIPAIS CERIMÔNIAS DO ANO



Um pouco de imaginação e de leitura, ou a participação de antigos costumes sazonais, poderá sugerir uma forma apropriada de ritos que podem ser celebrados nestas épocas.

Os ritos podem ser bastante simples. Não é necessário compor orações e invocações verbais demoradas, a não ser que a pessoa tenha um temperamento que se beneficie com isso. Simples ações físicas executadas com dignidade e com intenção *espiritual* têm a mesma eficácia; as palavras podem se reduzir a uma breve declaração de intenções, ou às palavras ou nomes mágicos. Os rituais de abertura e de fechamento do pentagrama são um bom exemplo de simplicidade no ritual.

As anotações seguintes são apenas um guia simples e uma base para o pensamento criativo, no desenvolvimento de ritos pessoais nas épocas das festividades maiores. Um ritual simples, desenvolvido

pessoalmente, é muito mais eficaz que a declamação de fórmulas complexas extraídas dos livros. Na magia prática, é importante compreender todas as facetas do procedimento, o que acontece quando, nos mesmos, desenvolvemos e escrevemos os ritos.

Equinócio de primavera

Também conhecido como Ostara, o 1º de abril*, Dia da Mentira, assinala o começo do ano, e encontra um paralelo no significado da lâmina "O louco", dos Arcanos Maiores do Tarô. Também se aproxima da festa da Páscoa, que é móvel, e tudo o que esta implica, especialmente a Ressurreição. As intenções podem incluir a abertura dos "portões do ano", a formulação de aspirações no futuro, ou a celebração do princípio do equilíbrio, que agora está aparente na igual duração dos dias e das noites, com os dias crescendo constantemente.

Os símbolos que se relacionam com o quadrante oriental são apropriados: espada, adaga, flecha, portão; e também os símbolos tradicionais, como os ovos de Páscoa, as plumas, botões e brotos de primavera. Um ato ritual típico poderia ser plantar uma semente ou decorar um ovo.

Festa da primavera

Também chamada Beltane. Tradicionalmente é um festival para incentivar uma vegetação robusta e brotos novos. As danças ao redor do mastro enfeitado e a procissão da rainha da primavera são tradições conhecidas. Em algumas regiões da Europa, existe uma luta simbólica entre a rainha da primavera e a rainha do inverno. Tocam-se clarins para anunciar o retorno do verão. A rainha da primavera pode ser representada por uma boneca, que, às vezes, tem as feições da Virgem Maria (cujo mês é maio), cujo véu é retirado para dar sorte. E também é Flora, o espírito do verão, que está voltando, como aliás é a Virgem Maria, num sentido mais cósmico.

Nesse mesmo período, temos a Festa da Aparição de São Miguel, para celebrar a vitória desse arcanjo em sua luta com o demônio. Executam-se danças com galhos verdes, especialmente de salgueiro, e freqüentemente todos vestem suas melhores roupas. Uma das características das danças é o "cavalinho de pau", e às vezes aparecem também figuras remanescentes da lenda de Robin Hood das verdes florestas. Grinaldas de primulas são enroladas em varas ou amarradas em seus topos. Bolas são jogadas através de arcos de flores, e às vezes esses arcos se juntam para formar uma esfera. Levantar cedo para lavar-se no orvalho de maio é considerado um rito de purificação e até de cura. Também se ostentam objetos de prata.

* Evidentemente, em relação ao hemisfério norte. No hemisfério sul (austral), corresponde ao equinócio de outono. (N. da T.)

Solstício de verão

O meio-verão era um importante festival do fogo, com fogueiras, procissões com tochas, tonéis de pixe ou rodas chamejantes. É também a festa do nascimento de João Baptista, que anunciou e batizou Nosso Senhor. Os símbolos típicos se relacionam com o quadrante meridional, como o fogo e as varas (que controlam o fogo, na forma de atizadores ou tochas).

Era costume carregar feixes de tojo chamejante ao redor do gado, como uma forma de protegê-lo contra qualquer prejuízo, e havia danças em volta das fogueiras, que os dançarinos costumavam pular. Havia também outros costumes, como espalhar feno ou canas, cortar feno e decorar as nascentes com quadros de flores. Trata-se, sobretudo, de um festival de luzes e de calor.

Lammas

Também conhecida como Lugnasad, era, antigamente, no ano tradicional do Velho Continente, a época de levar os primeiros frutos para a igreja, o primeiro trigo ou o pão feito com este. Na antiga mitologia céltica, essa era a festa de "Lugh mão-comprida", o deus do Sol, que se celebrava com jogos, concursos, feiras e casamentos.

No calendário moderno, é a Festa da Assunção de Nossa Senhora, quando se enfatiza o papel extraordinário da Virgem Maria, que foi o primeiro membro da Igreja e um exemplo para a humanidade, e que foi levada aos céus fisicamente. Isso tem uma importância especial como divinização da vida natural.

No antigo Egito, era a época da cheia do Rio Nilo, que trazia a vida, anunciada pela aparição da brilhante estrela Sírius, que, do ponto de vista esotérico, está particularmente ligada ao planeta Terra.

Equinócio de outono

Na Antigüidade, indicava o fim das colheitas, quando se celebrava uma festa. Um grande carro de feno, repleto de festeiros e enfeitado com grinaldas de flores, era molhado com jatos de água. Dava-se especial importância ao último feixe de trigo cortado, porque se acreditava que albergava o espírito do trigo; frequentemente era trançado ou lhe davam a forma de uma pirâmide, que se conservava durante todo o ano seguinte.

Nesse período se festeja também a Festa de São Miguel, chamada Michaelmas, e sua vitória é associada aos últimos trabalhos para guardar a colheita. (Marte, além de deus da guerra, também é um deus da agricultura.) Como o equinócio de primavera, esta também é uma festa do equilíbrio das forças. Pertence também ao quadrante ocidental e a seu simbolismo das taças, da receptividade, do entardecer, e da meditação sobre os esforços do passado que agora são premiados. É o tempo para a realização física de idéias.

Finados

No Antigo Continente, essa festa se chamava também Samhain, ou Sowen, ou, ainda, Hallowe'en. Era crença popular que as almas recebiam uma licença para deixarem o purgatório por quarenta e oito horas; o costume mandava que se acendessem velas nas janelas e se colocassem iguarias para que elas pudessem comer. Esse é um tempo para lembrar os amigos e parentes ausentes, especialmente os que já faleceram. No antigo ano agrícola, era o tempo da matança dos animais antes da chegada do inverno. Era uma ocasião para festas e, num rito parecido com o da Páscoa judaica, os dintéis eram borrifados com sangue, como proteção durante o ano seguinte. Existia também a alternativa de se lançar uma pequena carcaça sobre o telhado. A celebração do Dia do Armistício, em 11 de novembro, eleva o princípio de matança e de sacrifício a um nível superior.

Do ponto de vista psíquico, esse era um período para decifrar o futuro mediante diferentes encantamentos, que, em geral, envolviam uma vela e um espelho. As brincadeiras das crianças, que apanhavam com os dentes as maçãs que boiavam numa bacia, ou de abocanharem uma maçã, suspensa num barbante, com os olhos vendados eram apenas mais um aspecto dos encantamentos (para conseguir a maçã precisava-se de um auxílio, colocado além do plano físico). As fantasias de fantasmas, bruxos, bem como as abóboras ocas e retalhadas, com uma vela no interior*, são um aspecto mais ameno de se reconhecer que, nesse período, as forças dos mundos interiores estão à solta. No calendário eclesiástico, o dia 11 de novembro é conhecido como Martinmas (Festa de São Martinho) e, na Inglaterra, nesse período, se acendem as fogueiras e os fogos de Guy Fawkes, que, na consciência do povo, toca muito mais fundo que a lembrança de uma conspiração política do século XVII.

Solstício de inverno

Conhecido também como Yule, o período inclui os dias do Natal até o Ano Novo. As festas populares e generalizadas desse período, que atualmente é muito explorado pelo comércio, são inspirações válidas para o ritual. A árvore de Natal, decorada com presentes, é uma Árvore da Vida apropriada, seja no antigo sentido pagão, seja como uma importante característica da nova Jerusalém, descrita nas revelações de São João, o Divino. A fada, no topo da árvore, poderia ser a Senhora da Natureza ou a Virgem Maria, ou um hierarca angelical, ou uma estrela que anuncia o nascimento da divina criança.

O nascimento divino numa gruta ou num estábulo, no meio do inverno, é uma imagem simbólica, que representa um verdadeiro

* Referência ao Dia das Bruxas, muito comemorado pelas crianças nos Estados Unidos. (N. do R.)

compêndio de interpretação espiritual. Pode ser a centelha da conscientização espiritual brotando no homem ainda não iluminado; compara-se ao retorno da luz, enquanto os rigores do inverno começam a se afastar, ou pode ser interpretado, em seu sentido histórico cristão, como a encarnação do Cristo.

A imagem da mãe e da criança, cercada de flores, frutas e outros enfeites era um estandarte para festas. Era levado de porta em porta e mostrado, para que as pessoas pudessem beber à sua saúde. Esse era também o tempo para “despertar os pomares”, despejando-se sidra nas raízes e nos galhos das árvores, em cujas forquilhas se colocavam doces encharcados com essa bebida. Flagelar-se com feixes de azevinho até sangrar pode parecer um costume bárbaro, mas é remanescente da sangria dos animais nessa época do ano, porque, na Antigüidade, se acreditava que isso era vantajoso para a saúde. Ao mesmo tempo, os animais eram abençoados. Os símbolos do quadrante setentrional também se associam a esse festival, e são a taça, as moedas, a terra, a noite, a luz das estrelas e os talismãs.

A candelária

O nome antigo é Oimelc, sendo a Festa da Purificação da Virgem Maria e da apresentação de Jesus no templo, que libertou a alma do ancião Simão, que esperava para poder ver a “Glória Encarnada”. Também é uma antiga celebração em honra de Ísis e, em sua forma céltica, associa-se a Brighid e à cerimônia de “lavar a face da Terra”. Brighid foi cristianizada como Santa Brígida.

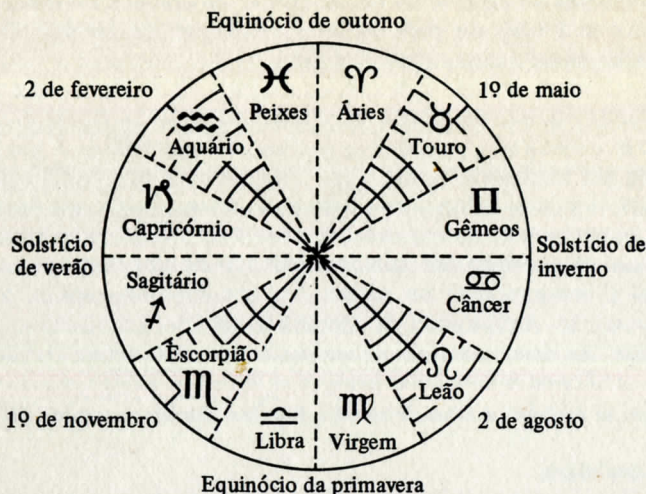
Nesse período, temos também a Festa de São Brás, patrono dos animais. No tempo dos romanos, existia um festival chamado Luperália, para favorecer a fertilidade dos rebanhos e também das mulheres. O Dia de São Valentim coincide com a data antiga e, além dos namoros convencionais associados com esse dia, existe um vasto simbolismo, que inclui Eros e Cupido; estes, no sentido mais profundo, representam muito mais que os anjinhos sentimentais da arte popular: são os representantes das grandes forças do amor no universo, em todos os seus aspectos.

Seria também possível incluir o simbolismo estelar em nosso plano básico quadrúptico do tempo, sobrepondo a este uma carta do Zodíaco.

O equinócio de outono é o ápice que marca o início do signo de áries, e os signos seguem sucessivamente conforme as datas.

É interessante notar que os símbolos das quatro criaturas sagradas da visão de Ezequiel correspondem aos signos do Zodíaco nos quais o Sol se encontra nos dias dos quadrantes opostos. Esses símbolos — o touro, o leão, a águia e o homem — também aparecem nas revelações de São João, e mais tarde foram adorados pela cristandade como emblemas dos quatro Evangelhos, Mateus (homem), Marcos

CARTA DO ZODÍACO



(leão), Lucas (touro) e João (águia, que é uma outra forma do escorpião).

O touro da fertilidade

As associações do simbolismo têm raízes profundas no tempo. O touro da fertilidade e a rainha da primavera, com raízes no mito de Zeus e Io, decorrem da deusa Ísis, à qual eram consagrados todos os animais com chifres. Podemos também mencionar que o planeta regente do signo de touro é Vênus. O leão, símbolo do poder, e cujo regente é o Sol, está associado à "estrela da anunciação", à Assunção da Virgem e às cheias do Rio Nilo, o "rio da vida". O signo mortal do escorpião é associado ao Dia de Finados, quando, segundo se crê, as almas podem transitar livremente pela Terra. O homem de aquário, associado ao Festival das Luzes, é considerado, em nossos tempos, como um precursor de uma nova era.

Esses rápidos acenos a simbolismos não devem ser tomados como sugestões sistemáticas e rígidas, mas sim poéticas, indicando de que maneira a imaginação pode ser levada a ricas e profundas associações simbólicas. Sem o auxílio de uma imaginação livre, que pode nos levar do conhecido para o desconhecido, não há possibilidade de se executar qualquer magia eficaz. Embora seja necessário saber o que pretendemos fazer e como tencionamos fazê-lo, o excesso de sistematização intelectual cerceia a prática da magia.

Deixamos, portanto, à imaginação de cada leitor o desenvolvimento de seus próprios ritos sazonais, e nossas anotações podem fornecer uma plataforma simples e básica que possa dar asas à sua imaginação*.

* Os leitores do hemisfério austral e de outras regiões onde as estações são diferentes, terão de utilizar um pouco mais sua imaginação; entretanto, a partir dos princípios básicos aqui enunciados, não é difícil construir um sistema pessoal, bastante pormenorizado e apropriado para qualquer localidade.

7/ Os poderes planetários

Depois de estabelecer um ciclo regular de trabalhos para o templo mágico, este se tornará um instrumento eficaz para outros trabalhos, como a concentração de forças psíquicas específicas para corrigir desequilíbrios psicológicos

Marsílio Ficino, um dos magos do começo da Renascença, que era sacerdote, médico, bem como um estudioso, acreditava que era essa a tarefa principal da magia natural. Portanto, para contrabalançar os efeitos prejudiciais de um tempo excessivo dedicado aos estudos acadêmicos (regidos por Mercúrio e Saturno), ele recomenda trabalhos mágicos concentrados em Vênus e no Sol, para recuperar o equilíbrio e o bem-estar físico e emocional.

Ficino também experimentou compensar os maus aspectos de planetas nos horóscopos, e prevenir possíveis dificuldades que se acreditavam provocadas pelos eclipses do Sol e da Lua, ou o aparecimento de cometas.

Falando em planetas, estamos nos referindo aos planetas ditos "tradicionais", que são os cinco atualmente visíveis (Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno), que perfazem sete juntamente com o Sol e a Lua, os quais, naturalmente, não são planetas sob o ponto de vista astronômico. Entretanto estamos mais interessados na dinâmica dos mundos interiores do que na organização física dos mundos materiais, e os planetas tradicionais são convenientes focos simbólicos para sete tipos de energias de plano interior.

Para esse fim, podemos oferecer um plano alternativo do templo ou do círculo mágico, em forma de hexagrama, ou "estrela de Davi", no qual estão assinaladas as potências planetárias.

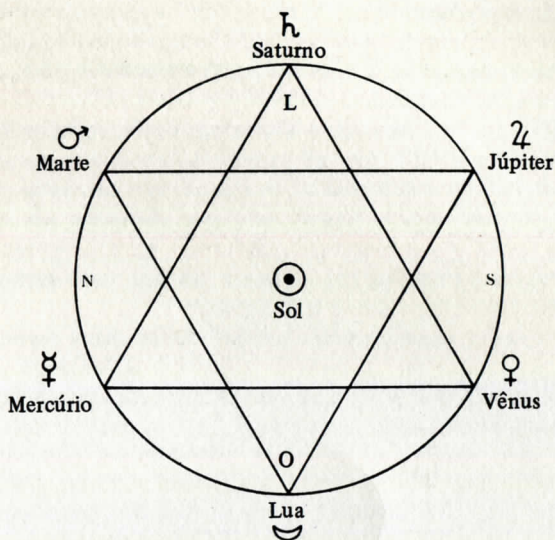
Os estudantes de Cabala logo reconhecerão que esse desenho deriva da Árvore da Vida, com Saturno na posição de Daat, assumindo os poderes do excelso Sefirot; enquanto a Lua, em Iesod, também incorpora os poderes da Terra de Malkuth. Embora não seja essencial, algum conhecimento da Árvore da Vida cabalística é parte importante da teoria da magia prática.

Podemos ver por esse diagrama que, se nos colocarmos no centro do templo, estaremos no ponto do Sol central, ao redor do qual revolvem os outros planetas. (A Lua gira ao redor do Sol por ser um satélite da Terra.)

Recomendamos a invocação dos poderes planetários do templo no contexto geral do templo elemental já descrito, pois as forças

planetárias são apenas especificações dos poderes elementais mais generalizados da Terra, através dos quais todas as forças extraterrestres devem se manifestar antes que as possamos perceber.

HEXAGRAMA COM AS POTÊNCIAS PLANETÁRIAS



Um rito com forças planetárias

Após a abertura do templo elemental como de costume, com o ritual de abertura do pentagrama, podemos continuar e celebrar um rito com forças planetárias, com suas configurações planetárias sobrepostas às elementais. Como exemplo, vamos supor que queremos consagrar uma bola de cristal para aumentar sua capacidade de produzir visões psíquicas.

Ao concluir a abertura, faremos a declaração de intenção do rito. A bola de cristal deve se encontrar no oeste, pois os assuntos psíquicos estão relacionados com a Lua. A bola pode ser colocada sobre um espelho de prata e coberta com um pano roxo antes do começo desse rito; o espelho poderá estar dividido em nove seções radiais ou de outro tipo, ou marcado de maneira a apresentar nove facetas. Todos esses detalhes dependem da imaginação criativa e do talento do operador, considerando-se as correspondências planetárias especiais, que veremos em seguida.

A respiração pela fontanela*

Parado no centro e olhando para oeste, você começa a respiração profunda regular e, com a técnica da respiração pela fontanela, enche o templo com uma luz roxa.

A respiração pela fontanela é executada da seguinte maneira: mantendo uma respiração profunda, constante, regulada para uma contagem de quatro, concentre-se, durante uma inspiração, mentalizando uma luz branca acima da cabeça; enquanto você solta o ar, puxe-a para baixo, através do eixo central do corpo, através dos pés, até abaixo do chão; inspirando mais uma vez, volte a puxá-la através do corpo, para cima, até acima da cabeça; e, ao soltar o ar, projete-a como um chafariz de luz (branca ou de outra cor apropriada para o trabalho), que cai ao redor no templo, impregnando a atmosfera psíquica.

Nesse caso, também podem ser feitas orações a Deus para que, por Sua intercessão e com a guia do arcanjo Gabriel e das falanges de anjos a seu comando, a bola de cristal seja consagrada para um uso sábio e eficiente.

Como parte do ritual, podemos defumar a bola nove vezes com o turíbulo, queimando incenso apropriado. Ou podemos dar nove voltas ao redor do templo. O que realmente acontece — em sentido exterior e interior —, durante o ritual, pode variar muito, dependendo do gosto pessoal e das circunstâncias, bastando que os atos se limitem às correspondências simbólicas apropriadas. Tudo isso deve levar a uma sensação inequívoca de que “algo” está acontecendo. Quando há acanhamento, falta de jeito ou nervosismo, os atos do ritual não poderão ter bons resultados. Entretanto o aperfeiçoamento vem com a prática; e não podemos deixar de mencionar que os trabalhos mais bem-sucedidos podem resultar de uma considerável antipatia para todo o conjunto de coisas, e até de grande nervosismo no começo.

Reações fisiológicas

Um ritual de grande poder freqüentemente produz reações fisiológicas, tais como aumento das batidas do coração, dificuldade em manter o equilíbrio e comichão ou formigamento em algumas partes do corpo, como, por exemplo, na garganta, no topo da cabeça, ou entre os olhos, que são áreas associadas aos principais centros psíquicos**. Aprende-se a controlar essas manifestações, mas elas dificilmente ocorrerão com um aprendiz solitário que, em geral, não consegue produzir grandes forças.

No fim da cerimônia, quaisquer sejam os resultados (ou sua apa-

* Em outras palavras, respiração pelo chacra coronário. (N. do R.)

** Ou, em linguagem oriental, áreas dos chacras mais importantes. (N. do R.)

rente ausência), dê graças a Deus e ao arcanjo, às falanges de anjos e às outras entidades envolvidas, antes do encerramento. Isso é muito importante, não apenas em termos de cortesia espiritual, mas também por causa da dinâmica psicológica envolvida. Nunca é demais mencionar que tais agradecimentos devem ser sinceramente *sentidos*, e não apenas uma ladainha vazia.

As formas para essas entidades podem ser desenvolvidas na imaginação, com as cores apropriadas, juntamente com qualquer simbolismo que possa parecer mais adequado.

Nos antigos livros de magia, havia extensos quadros de correspondências para auxiliar na escolha dos símbolos mais apropriados em cada operação, como, por exemplo, na *Filosofia oculta*, de Cornelius Agrippa. Não pretendemos apresentar aqui um catálogo, mas apenas citar alguns exemplos mais significativos para estabelecer os princípios gerais. Em qualquer trabalho mágico é sumamente importante que se compreendam os princípios de cada ação ritual efetuada. Recitar ou encenar material que não compreendemos é inútil na maior parte dos casos e, quando as fontes são muito antigas ou duvidosas, pode ser muito desagradável e até mesmo perigoso.

Material mitológico e lendário

Para tornar a magia eficiente, deve-se ter um bom conhecimento da mitologia e das lendas. Elas proporcionam o vocabulário para um relacionamento inteligível entre os planos, ou, usando termos mais psicológicos, a mente subconsciente se vale de imagens. A leitura de mitos, lendas e folclore em geral proporcionará uma quantidade de outras atribuições e sugestões para o alicerce das correspondências planetárias. Também nesse caso o estudo da Árvore da Vida, da Cabala, é muito útil, pois funciona como um mecanismo de inter-relacionamento entre as múltiplas mitologias.

A cor simbólica apropriada pode levar consigo um certo número de correspondências menores. Por exemplo, o amarelo, cor do Sol, significa que flores amarelas (e especialmente girassóis) podem ser apropriados para decorar o templo para um rito solar, bem como vestimentas e objetos amarelos.

O número também tem uma importância básica no simbolismo*. De fato, muitos símbolos podem ser derivados de números e cores. Portanto um hexágono amarelo, confeccionado em cartolina, pode ser tão evocatório quanto um pantáculo em ouro com diamantes, e embora possa não ser igualmente eficaz como talismã, por causa da sua estrutura molecular, é definitivamente mais prático, tanto do ponto de vista financeiro quanto pela facilidade de se trabalhar com esse material.

* Ver Chaboche, *Vida e mistério dos números*, da Hemus Editora.

Os signos astrológicos, que são “governados” pelos planetas, representam uma fonte adicional de correspondências simbólicas. Basta examinar um simples manual de Astrologia para conseguir inspirações bastante sugestivas.

Resta também a dizer que uma preocupação excessiva com correspondências simbólicas pode se tornar contraditória e autodestrutiva. Alguns aprendizes de magia são como o jumento que morreu de fome porque estava entre dois fardos de feno e não conseguiu decidir qual deveria comer. Os principiantes podem ficar indecisos entre atribuir um trevo de quatro folhas a Júpiter (por causa das quatro folhas) ou a Vênus (porque é verde). Qualquer das duas correspondências pode servir, evidentemente e, nesse caso, vamos ignorar a outra. Essa é uma aplicação elementar da vontade mágica, que é a antítese das hesitações intelectuais.

A seguir, daremos uma lista dos planetas e de suas atribuições particulares, primeiro conforme o tipo de força que cada planeta representa, e depois com os símbolos que melhor podem atrair esse tipo de força, e que servirá para os trabalhos, quer através de simpatias naturais, quer de associações de idéias.

Sol – A vida e a luz em geral. Como fonte de luz e de calor, e centro do sistema planetário em termos astronômicos, as operações do Sol ajudam a restabelecer o equilíbrio, a harmonia e o bem-estar, e ajudam no crescimento das coisas. (Qualquer trabalho geral da formulação planetária do templo pode ser efetuado com os símbolos solares.)

Lua – O lado interior das coisas, as visões psíquicas, os sonhos, o sistema neurovegetativo. Além de provocar as marés dos oceanos, a Lua também está relacionada com as marés psíquicas interiores, com o fluxo e refluxo, e os ciclos da vida natural. Sua natureza reflexiva se relaciona também com o psiquismo e a clarividência.

Mercúrio – Tem a ver com todas as coisas de natureza intelectual: ler, escrever, estudos, livros, etc. Também com os negócios e o comércio e, ainda, ciência e tecnologia (que inclui a magia). Comunicações em geral, por escrito, pela eletrônica e pela viagem física. A astúcia e a habilidade, levadas a extremos, podem resultar em algum desvio e até alguma desonestidade, ou, então, sofisticação intelectual.

Vênus – Abrange todos os sentimentos, não apenas os de natureza romântica, mas também todas as relações pessoais e sociais, quando o coração é mais importante que o cérebro. Inclui também os ideais mais elevados, e a devoção ou dedicação a uma busca ou a um princípio.

Marte – Tem a ver com análise, comprovação, justiça, processos, disputas e contendas. Entretanto seria errado ver esse planeta apenas como símbolo de beligerância e confrontação; basicamente é uma esfera de energia, especialmente de natureza pioneira, aventureira e iniciatória. A agricultura, a jardinagem, os alimentos e o meio de vida também entram em seu âmbito. Isso se refere também ao risco, que elimina as tensões, mostrando o lado positivo da

natureza destrutiva de Marte. Um outro campo que sofre sua influência é a cirurgia.

Júpiter – A esfera da ordem, da organização e do governo; o trabalho perfeito de uma máquina, que pode ser administrativa, mecânica ou biológica, ou qualquer outra forma de cooperação de partes em prol de um propósito comum. Trabalho de equipe e hierarquia, como também fraternidade e amizade completam o quadro.

Saturno – Muitas vezes Saturno (como Marte) é mal-entendido por causa de uma ênfase excessiva em seus aspectos menos atraentes, e sua influência é considerada restritiva. Entretanto é um análogo mais elevado das quantidades terrestres – é uma concretização e realização de planos, ou uma concretização e realização de energia em forma de riqueza, dinheiro, terras ou propriedades (o que pode ter um efeito restritivo, no sentido de que impõe responsabilidades). Também representa sabedoria mais elevada e intuição, que são concretizações da vontade do espírito, o impulso básico e o motivo divino de cada homem ou mulher.

No quadro a seguir, a primeira linha indica o número, a cor, o metal, o incenso, a pedra preciosa e o signo do Zodíaco apropriados. Em seguida, algumas divindades representativas, egípcias (*E*), gregas (*G*), romanas (*R*) ou nórdicas (*N*). Essa lista está longe de ser completa, e poderia ser aumentada com heróis lendários, e até com personagens de ficção ou da história popular. Alguns deuses têm mais de uma atribuição; assim, Zeus, que governa, identifica-se com Júpiter; mas, como lançador de raios, identifica-se com Marte, etc. Da mesma forma, existem atividades diferentes que se relacionam com forças planetárias distintas – a casta Diana, protetora dos jovens e das mulheres grávidas, é parte das forças da Lua, tal como a ameaçadora protetora do mundo subterrâneo, a multiforme sereia e bruxa Hécate.

Finalmente, o arcanjo cabalístico (*A*) e a falange angelical (*F*). Para mais material, aconselhamos consultar um manual sobre a Árvore da Vida.

Sol	6. Amarelo. Ouro. Olíbano (franquincenso). Diamante. Leão. <i>E</i> : Ra. <i>G</i> : Éaco, Apolo, Adônis. <i>R</i> : Baco, Aurora. <i>N</i> : Baldur. <i>A</i> : Rafael. <i>F</i> : Malaquim, Reis.
Lua	9. Púrpura. Prata. Jasmim, cânfora. Pérola, pedra da lua. Câncer. <i>E</i> : Shu, Ísis. <i>G</i> : Diana, Artêmis, Hécate, Selene, Perséfone. <i>A</i> : Gabriel. <i>F</i> : Querubim, Os Fortes.
Mercúrio	8. Laranja. Mercúrio. Stórax, mastique. Opala, ágata. Gêmeos, virgem. <i>E</i> : Toth, Anúbis. <i>G</i> : Hermes, os Dióscuros, Apolo de Pítias. <i>R</i> : Mercúrio. <i>N</i> : Loki, Ódin.
Vênus	7. Verde. Cobre. Sândalo. Esmeralda. Touro, libra. <i>E</i> : Hathor. <i>G</i> : Afrodite, Nikê. <i>R</i> : Vênus. <i>N</i> : Friga. <i>A</i> : Haniel. <i>F</i> : Elohim, Os Criativos.
Marte	5. Vermelho. Ferro. Sangue de dragão, tabaco. Rubi, jaspe. Áries, escorpião.

E: Hórus, o vingador. *G*: Ares, Hades, Atena, Pã, Príapo. *R*: Marte.
N: Thor.

A: Khamael. *F*: Serafim, Serpentes de Fogo.

Júpiter 4. Azul. Zinco. Cedro. Safira. Ametista. Peixes, sagitário.

E: Amon. *G*: Zeus, Poseidom. *R*: Jove, Netuno. *N*: Wotan.

A: Tzadkiel. *F*: Hasmalim, Os Esplendorosos.

Saturno 3. Anil. Chumbo, barro. Mirra. Azeviche, safira estrelada. Aquário, capricórnio.

E: Néftis, Osíris. *G*: Cronos, Plutão.

A: Tzadkiel. *F*: Aralim, Tronos.

Correspondências cristãs

Os que preferem trabalhar dentro de um contexto exclusivamente cristão (embora as forças invocadas, mesmo de forma pagã, sejam todas parte da Criação divina, não sendo, portanto, incompatíveis com o enfoque de um mago cristão) poderão achar útil o quadro seguinte. Este pode ser completado também com a hagiografia cristã e as tradições e, nesse caso, a *Divina comédia*, de Dante, representa uma excelente enciclopédia de correspondências.

Sol Deus, o Filho. Jesus transfigurado, radiante. Jesus ressuscitado, “com você até o fim dos tempos”.

Lua A Virgem Maria. O Espírito Santo inspirador.

Mercúrio Jesus milagroso e pregador.

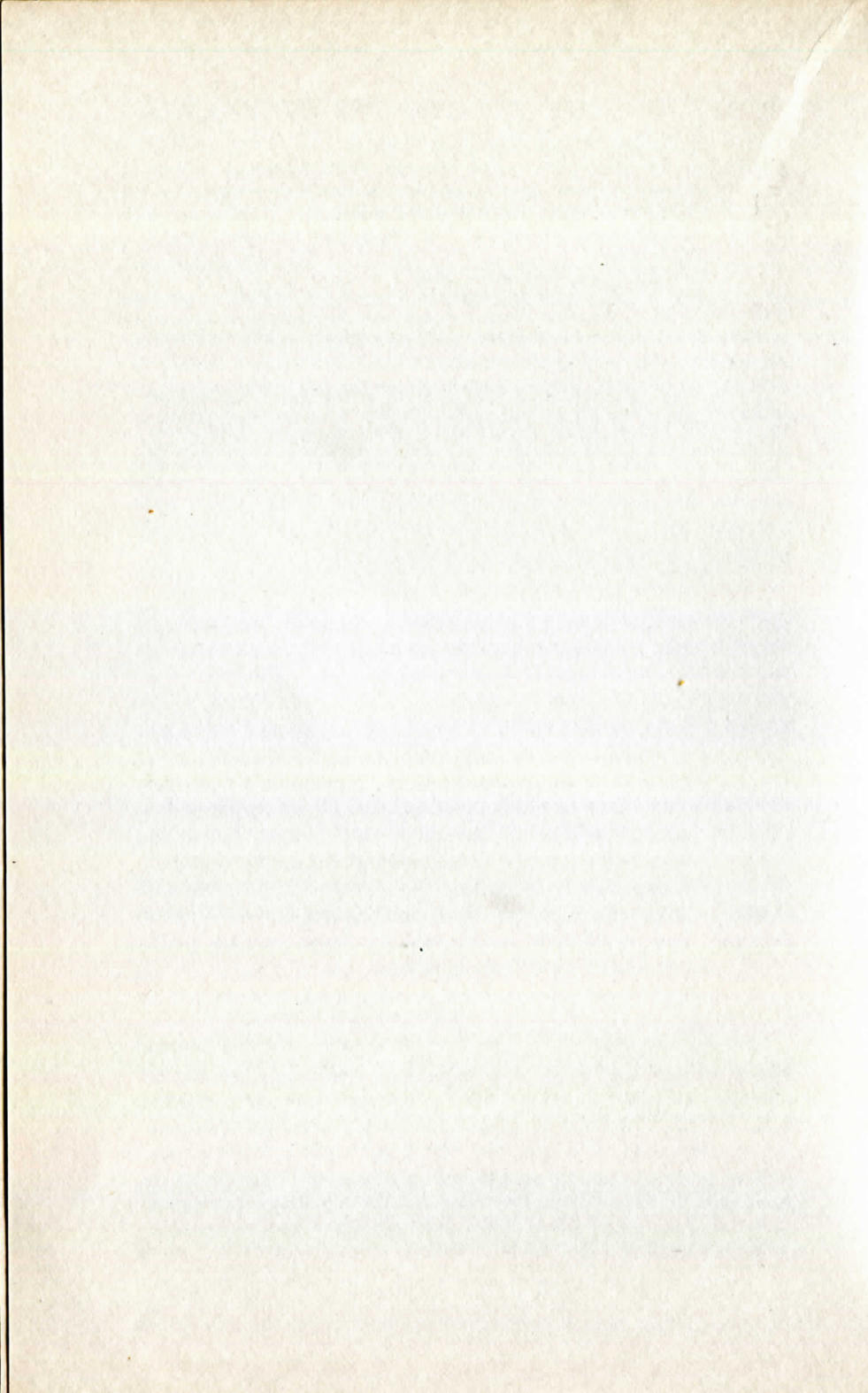
Vênus Jesus que ama todos os homens, as mulheres e a Criação. A interação dos elementos da Santíssima Trindade. O Sagrado Coração (que pode ser também atribuído ao Sol, pois o coração é o Sol do corpo físico, por correspondência tradicional).

Marte Jesus que escorraça os mercadores do templo. O juiz de todos no dia do juízo final.

Júpiter Deus, o Pai. São José. Jesus, chefe da Igreja.

Saturno Jesus crucificado, a divindade em forma humana, poder e compaixão através do sacrifício.

Com esse enfoque e com os quadrantes elementais atribuídos aos quatro animais heráldicos do Evangelho (da visão de Ezequiel, no Antigo Testamento, e que podem ser também encontrados na revelação de São João de Deus), podemos ter uma formulação completamente cristã. Mas, quaisquer que sejam as formas utilizadas como foco da percepção, a atitude básica e a intenção espiritual devem ser as mesmas. Estamos tentando cooperar com Deus conforme a ordem de Sua Criação, e não estamos buscando poderes ocultos e proibidos, de forma arbitrária e egoísta.



8/

Construção e localização de um templo

Um dos maiores problemas para os trabalhos de magia ritual é encontrar um local adequado. Mesmo quando temos parentes e vizinhos compreensivos, as condições de vida podem estar meio apertadas, especialmente no ambiente urbano. Assim, além do sacrifício do tempo que precisamos dedicar a esse trabalho, existe também o sacrifício do espaço, que pode ser muito mais difícil, pois o espaço reservado à magia não deve ser utilizado para outras finalidades.

Entretanto o poder pode ser desenvolvido à custa de sacrifício, porque, quando renunciamos a alguma coisa em um plano, esta será devolvida num outro plano — o aspecto oculto do Princípio da Conservação de Energia, de Newton.

O local ideal é um aposento grande, com um teto suficientemente alto para podermos erguer tranqüilamente uma espada ou uma vara. Além do mais, deve ter uma temperatura estável e, tanto quanto possível, ser à prova de som.

Os ruídos da civilização

Essas exigências dispensam qualquer explicação. É incômodo e irritante efetuar um trabalho psíquico com muito calor, aumentado pela vestimenta ritual. Da mesma forma, um trabalho psíquico sob frio intenso pode resultar ainda mais difícil.

O acabamento acústico não é absolutamente essencial quando o local é isolado. Em caso contrário, porém, torna-se necessário por dois motivos: primeiro, evitar que pessoas estranhas ouçam o que está acontecendo, e segundo, para evitar os irritantes ruídos da civilização, como rádios, veículos, construções ou descargas de banheiros.

Antes que o leitor desanime completamente, precisamos dizer que, depois de muitos anos de experiência em magia, ainda não encontramos as condições ideais para trabalhar, mas, mesmo assim, apesar das dificuldades, já conseguimos excelentes resultados. Quando existe a vontade, existe o jeito, e isso vale tanto para a magia como para qualquer outra coisa.

Transformação do sótão ou do porão

Quando não existe a possibilidade de se dedicar todo um aposento ao templo, podemos pensar em termos de reforma do sótão ou do porão, ou na construção de um templo portátil. Todas essas possibi-

lidades têm suas vantagens e suas desvantagens. Os sótãos frequentemente têm formas irregulares, com vigas expostas em ângulos incômodos; além disso, o controle da temperatura pode se tornar difícil, a não ser que a reforma seja efetuada por um profissional.

Os porões podem ser adequados (de fato, muitos rituais antigos eram celebrados em grutas), mas nas casas modernas nem sempre existe um porão. Resta mencionar que, nas construções modernas, os tetos costumam ser baixos, e talvez seja necessário modificar alguns gestos ritualistas mais amplos com a vara ou a espada (esta última, por exemplo, pode ser substituída pela adaga).

Entretanto não devemos nos esquecer de que os antigos templos dos mistérios, absolutamente, não eram espaçosos. A maior parte do trabalho importante se desenrola na mente, e pode ser executado em pé ou sentado, sem uma necessidade absoluta de grande liberdade de movimentos.

Assim, pensando em termos de um templo portátil ou pré-fabricado em concreto, este pode ter dimensões reduzidas, como, por exemplo, dois e meio metros quadrados. O concreto pré-fabricado é mais vantajoso que a madeira, considerando-se o isolamento acústico, o controle de temperatura e a prevenção de incêndios, mas apresentará dificuldades em qualquer caso, a não ser que a estrutura básica receba um bom acabamento; isso significa revestimento, calafetação e instalações elétricas, além de dispositivos para manter longe os ratos, que adoram roer velas para complementar suas refeições.

Como fazer seu próprio templo

Podemos conseguir uma realização profunda e arquetípica construindo nosso próprio templo, começando pela limpeza do terreno, seu nivelamento e, depois, colocando sólidas fundações, medidas com o esquadro e o compasso*. Numa área reduzida, de apenas oito pés quadrados, podemos colocar o equipamento básico de colunas e altar, e ter espaço para até quatro pessoas sentadas, uma em cada canto.

Essas considerações significam que, ao usarmos um aposento interno, suas proporções podem ser bastante modestas; podemos até utilizar uma despensa, tomando as devidas precauções para obter boa ventilação e acesso.

Da mesma forma, podemos separar uma parte de um aposento. Uma sala em L se presta muito bem para esse propósito. É sempre melhor quando a divisão pode ser permanente, mas quando temos de optar por uma solução provisória, podemos fechar um canto com uma cortina; assim, quando correremos a cortina, o canto se torna o ponto focal de toda a sala.

* Observar a sutil referência à ordem maçônica. (N. do R.).

Com um arranjo desse tipo, é preferível optar por um aposento que não seja muito utilizado durante o dia, pois isso poderia interferir com as forças psíquicas do templo. Mas essa solução provisória poderá ser considerada razoável se utilizarmos um quarto sobressalente ou um grande corredor, que não poderá ficar continuamente ocupado pela mobília ritual.

Um armário ritual

Podemos obter um arranjo parecido com um armário ritual, que, em sua forma mais útil é, em geral, um guarda-roupa reformado para esse fim ou outro móvel parecido que tenha prateleiras. As prateleiras superiores são removidas, e a prateleira central serve como altar, quando as portas estão abertas.

A parte sob a prateleira pode ser fechada com uma cortina, e o espaço sob o altar serve para guardar os símbolos, que dali podem ser retirados e colocados em seus lugares para a cerimônia. No mesmo espaço podem ser guardadas também as roupas e o pano com o círculo mágico, que será colocado no chão, e que nessas circunstâncias é especialmente útil.

Um pano grande, com o desenho das configurações elementais e/ou planetárias contribui de maneira eficiente para transformar a atmosfera do aposento, quando colocado no chão, especialmente quando se utilizam também as vestimentas.

A vantagem de um local reservado e exclusivo está em podermos nele entrar sem vestimenta e, sem qualquer preparação prévia, sentir imediatamente a atmosfera envolvente aguçando nossa intuição e penetração psíquica. Portanto um templo completamente equipado poupa tempo e energias e, sem dúvida, é muito conveniente, embora não seja absolutamente imprescindível; qualquer pessoa que consegue tirar o máximo proveito dos escassos recursos de que dispõe pode também progredir em seu estudo prático.

Como em outros ramos do estudo esotérico, o importante é dar o passo seguinte, desfrutando das oportunidades disponíveis, mesmo quando parecem escassas. Isso servirá como uma invocação, e as circunstâncias começarão gradativamente a melhorar. Esperar por condições ideais antes de começar a fazer qualquer coisa pode resultar numa espera infinita.

Muitos problemas de construção e localização do templo podem ser evitados quando praticamos nossa magia ao ar livre, embora o clima, em geral imprevisível, possa criar outros riscos e incômodos.

Em geral, existe uma certa diferença de atitude entre os que são atraídos pelos trabalhos em ambientes fechados e os que preferem trabalhar ao ar livre, apesar desses trabalhos serem completamente compatíveis, embora superficialmente diferentes. A primeira maneira tende a ser mais formal e intelectualizada, e a segunda é uma inclina-

ção natural dos místicos da natureza e dos que se sentem atraídos pelo "ofício", como é hoje chamado o reflorescimento de costumes e crenças pagãos; em sua forma moderna, encontra forte respaldo no lado místico e religioso daqueles que se preocupam com a conservação ambiental da natureza.

Um templo ao ar livre

É possível fazer-se um templo ao ar livre com pedras empilhadas, conforme as diretrizes já dadas para um templo fechado. Num sentido mais amplo, o horizonte é o círculo mágico. É óbvio que os problemas para construir um círculo de pedras podem ser consideráveis. Os problemas diminuem quando pensamos em termos de um recinto de madeira e um círculo de mourões.

Mais uma vez, a desvantagem desse tipo de construção é sua localização. Pode parecer meio esquisita num jardim de periferia, e a curiosidade dos vizinhos pode atrapalhar bastante os trabalhos.

Entretanto existem amplas opções de ritos mágicos menos formais e menos estruturados. Existem muitas fontes de poderes psíquicos que podem ser desfrutadas nos campos e até nos parques urbanos.

Obviamente, existem poderosas forças psíquicas associadas a antigos lugares de culto, muito numerosos na Europa setentrional e nas Ilhas Britânicas, e que não se restringem apenas aos centros turísticos de Stonehenge, Glastonbury, Carnac, etc. Entretanto precisamos avisar que alguns sítios antigos podem ser muito mais poderosos do que imaginamos; por conseguinte, recomendamos prudência e bom senso. Existem lugares excelentes, não-influenciados por rituais antigos, e que podem ser encontrados; seu bom poder natural servirá para adquirir experiência. Sinta as diferentes vibrações provocadas por bosques diversos e até por árvores isoladas, especialmente as árvores "mágicas" (carvalhos, freixos, espinheiro, e os bosques de salgueiros). Outros lugares, especialmente aqueles com determinados tipos de pinheiros, podem ser esquisitos e até hostis.

Podemos utilizar também outros lugares públicos, especialmente igrejas e catedrais, onde já existe uma atmosfera de devoção, acumulada provavelmente durante séculos, e onde também existem muitas correntes históricas que contribuem, sobretudo quando o prédio se encontra em algum sítio antigo. Até uma construção prosaica como a catedral de São Paulo, em Londres, com suas hordas de turistas, possui seus pontos energéticos, os quais podem ser percebidos pelas pessoas sensíveis.

Marcação de um círculo

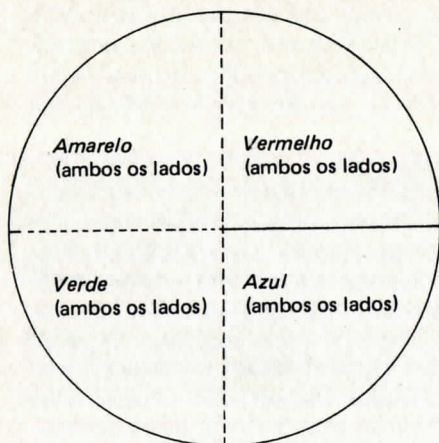
Essa maneira de proceder garante que possamos trabalhar sem atrair atenção desnecessária para a nossa pessoa. No campo, a coisa é bastante simples, pois os objetos podem ter aparência totalmente

comum. Uma japona com capuz serve como vestimenta; uma varelinha ou uma bengala substitui a vara; uma faca ou uma enxada, e uma caneca ou um cantil podem servir como espada e taça, respectivamente. E uma rosa-dos-ventos serve como excelente pentáculo para o norte. Tudo isso e mais um cordão ou faixa formam um equipamento completo para marcar um círculo — em cujo centro nos colocaremos, usando nossa imaginação mágica.

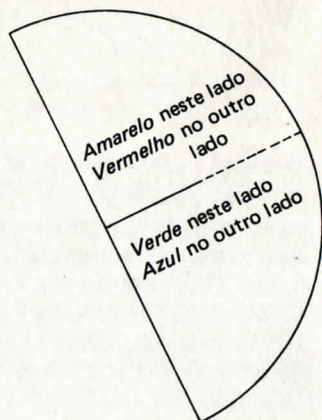
Num local muito público, preferiremos demonstrar ainda menos características exteriores que chamem atenção. Nesse caso, nos aproximamos de um aspecto importante do trabalho mágico, cujo ritual formal está na prática e na preparação. Trata-se da habilidade de dispensar todas as armas simbólicas visíveis e utilizá-las por meio de mentalização. Assim, todo mago tem dois conjuntos de armas mágicas, como já disse Eliphaz Lévi; um físico, e um imaginário. Este último é realmente difícil de formular sem que se tenha conseguido uma grande familiaridade com o primeiro; mas, uma vez conseguida essa familiaridade, o conjunto das armas imaginárias poderá ser utilizado com a mesma eficácia.

Dessa forma, poderemos eventualmente trabalhar no recinto de uma catedral ou num campo aberto com intenções mágicas, e desenvolver uma magia tão poderosa quanto em nosso templo particular (ou talvez até mais), sem que os transeuntes percebam qualquer coisa, satisfazendo assim o antigo provérbio da magia:

Querer, Saber, Ousar, Calar.



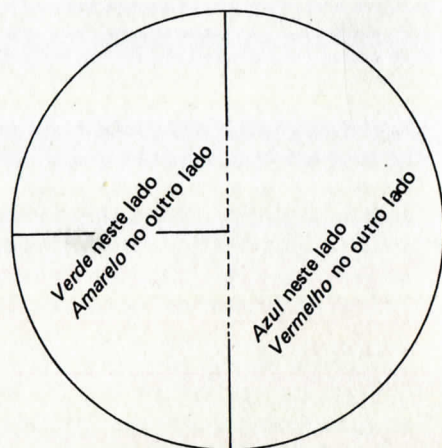
Círculo 1



Círculo 3-A



Círculo 3-B



Círculo 2

Fig. 1

Apêndice

A esfera mágica

Esse auxiliar para a meditação possui muitas ramificações simbólicas, como poderá descobrir por si mesma qualquer pessoa que se decida a usá-lo. A esfera pode ser feita em cartolina, na qual recortamos dois círculos e dois semicírculos, como na Fig. 1. Depois colorimos ambos os lados da cartolina, conforme as instruções, e cortamos nas linhas cheias.

Encaixe os círculos 1 e 2 mediante a fenda horizontal que chega até o centro. Depois encaixe os semicírculos do círculo 3 nas partes superior e inferior do círculo 2. Com uma execução perfeita, teremos um quadrante amarelo, um quadrante vermelho, um quadrante azul e um quadrante verde.

Imagine que o círculo 1 seja o chão do templo físico, ou o círculo mágico no soalho. O círculo 2 pode ser equacionado em termos de simbolismo com as colunas que se encontram ao seu lado enquanto você está no centro — elas estão simbolicamente estendidas ao infinito, encontrando-se em cima e embaixo de você para formar o círculo 2. Os cabalistas podem considerar o ponto no alto como Kether, o ponto abaixo como Malkuth e o ponto central como Tifereth. O círculo 3 representa os planos interior e exterior (a leste e a oeste das colunas do círculo 2), e também os mundos superior e inferior, ou consciente e subconsciente. A meditação poderá trazer ainda mais significados, especialmente relativos aos primeiros capítulos da *Doutrina cósmica*, de Dion Fortune.

O cubo mágico

É uma construção similar à anterior, apenas que se trata de um cubo ao invés de uma esfera. Poderíamos dizer que representa o templo ideal. Os pormenores da construção estão na Fig. 2, em que as linhas pontilhadas indicam as dobras na cartolina, que podem ser dobras para fora ou para dentro. As cores são iguais em ambos os lados, em cada parte do diagrama. Depois de recortada e dobrada, a cartolina se transforma num templo cúbico com quatro quadrantes elementares, cada um com a forma de um altar ideal, o cubo duplo.

Também aqui a meditação poderá revelar mais.

Construção das colunas

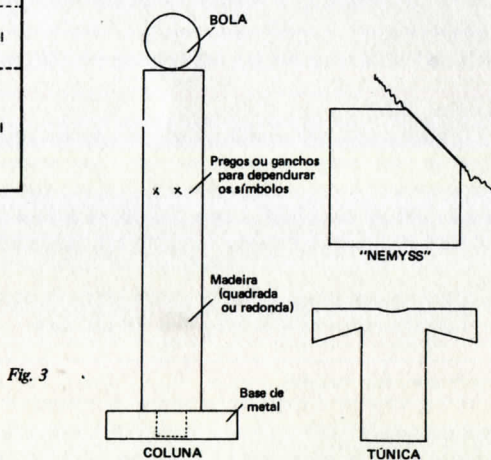
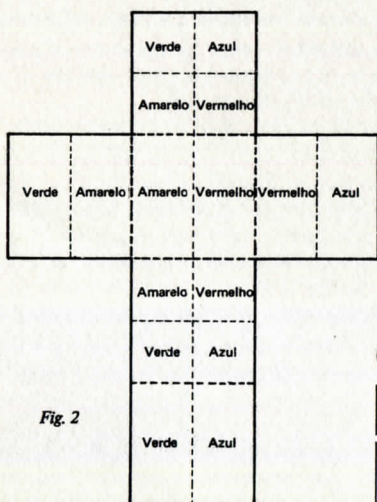
A forma mais simples de construir as colunas é arranjar dois caibros de madeira, lisos, de 10 x 10 cm, com um comprimento de 1,80 m. Estes podem ser colocados em bases de metal, para mantê-los de pé, e uma roda velha, comprada num ferro-velho, pode servir muito bem para isso. A esfera no topo pode ser uma bola de borracha, colada ou enfiada num prego. Toda a peça deve ser pintada de preto ou prata. Se precisarmos dependurar símbolos nas colunas (como a espada, ou a vara, etc.), poderemos colocar pequenos ganchos ou pregos, que não serão muito visíveis.

Algumas pessoas gostam de colunas circulares, mas estas são problemáticas de fazer, a não ser que você consiga encontrar tubos ou bastões de um diâmetro suficientemente largo, e em material que não madeira. Se você quiser as colunas redondas em madeira, esta deverá ser torneada (e provavelmente em seções), ou, então, aplainada à mão e depois lixada.

O "nemyss"

Trata-se de uma cobertura ritual para a cabeça, muito simples e prática. Experimentando, você poderá conseguir as melhores proporções para seu uso, com tecidos de várias espessuras. Uma fazenda grossa ficará rígida e com a aparência da cobertura para cabeça de algum antigo deus egípcio. Já um material mais leve terá uma aparência diferente, mas também eficiente.

A borda, com fitas ou rendas, é colocada na testa, e as fitas ou rendas são amarradas atrás. O *nemyss* pode ser ajustado a gosto.



Vestimenta

A vestimenta mais simples, que pode ser facilmente confeccionada até mesmo por um principiante, é a túnica, que consiste num corte de tecido com um buraco no centro, para a cabeça. A túnica convencional do mago é um pouco mais trabalhada. Os lados são costurados, e tem mangas. Tradicionalmente as mangas são largas, e se abrem ainda mais sobre os pulsos, dando à peça uma forma que lembra a letra grega tau. Se você deseja respeitar essa tradição, não faça mangas muito compridas, porque o manuseio de velas acesas e de outros objetos rituais poderia se tornar perigoso!

Procure nas livrarias outros livros desta série:

INTRODUÇÃO À
CABALA MÍSTICA

Alan Richardson

OS CHACRAS
ESTRUTURA PSICOFÍSICA DO HOMEM

Peter Rendel

CROMOTERAPIA
A CURA PELAS CORES

Mary Anderson

PROPRIEDADES OCULTAS DAS
ERVAS & PLANTAS

W. B. Crow (D. Sc., Ph. D.)

PODER PSÍQUICO DA
HIPNOSE

Simeon Edmunds

PRÁTICA DA
MAGIA RITUAL

Gareth Knight

USO MÁGICO DAS
PEDRAS PRECIOSAS

W. B. Crow (D. Sc., Ph. D.)

COMO DESENVOLVER A
PSICOMETRIA

W. E. Butler

REENCARNAÇÃO
REVELAÇÃO DE OUTRAS VIDAS

J. H. Brennan

USO MÁGICO DAS
VELAS
E SEU SIGNIFICADO OCULTO

Michael Howard

VIAGEM NO TEMPO
EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA TEMPORAL

Colin Bennett

ou utilize o nosso serviço de reembolso postal
01000 – Caixa Postal 9686 São Paulo SP



Este livro foi impresso
(com filmes fornecidos pela Editora)
na Gráfica Editora Bisordi Ltda.,
à Rua Santa Clara, 54 (Brás),
São Paulo.

GARETH KNIGHT

PRÁTICA DA
MAGIA RITUAL

Diretrizes e métodos eficazes

Esta obra aborda disciplina e métodos de práticas ocultas que, fazendo uso de todas as faculdades do iniciado, permitem a realização de trabalhos de magia ritual através de um grau de concentração e visualização mais profundo que aquele obtido por meio de outras técnicas. Gareth Knight, "expert" no assunto, exemplifica como devem ser feitos o círculo mágico, o altar e as colunas que permitem o conhecimento dos Planos Secretos. Também são descritos pormenorizadamente a vestimenta e demais acessórios, além de indicar claramente ao leitor todas as fases de cada ritual. Desde que se tenha dedicação e persistência, podem-se obter plenas condições de ter — de forma permanente e em escala natural — um templo adequado às práticas de magia, tanto individualmente quanto em grupo.